cariquice

publicação trimestral . ano VII . n:27 . out/nov/dez 2010
ISS 1981-6049

"Sinto que ora salto, meu foguete some queimando espaço"
apud Egberto Gismonti

Egberto Gismonti

Druida dos semitons

publicação trimestral . ano VII . n:27 . out/nov/dez 2010
cariquice

Africa

No mesmo ano em que o **Itaú Unibanco** completou sua integração, também foi apontado como **o banco mais**

adm

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Officina Sophia para a revista Carta Capital.

rado
do país.
Isso só é possível graças
a um simples motivo:
tudo o que fizemos
foi pensando em você.
Itaú. Feito para você.
Itaú

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 27 OUT/NOV/DEZ 2010
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Doçuras dodecafônicas

14 Poeta, poetinha, camarada

18 O pierrô apaixonado da Vila

Do bem comer e melhor beber

28 O berço de malte do Orfeu da Conceição

Saga Carioca

34 A leal ordem do mérito carioca

42 Retrato do adorável Lalau

Magia do Olhar

48 A quinta onde sois rei

Cidade Maravilhosa

62 Quando a noite era uma criança

Embaixador do Rio

68 Atrás do Rio elétrico
Por José Antônio Muniz Lopes

ENGEVIX
BVA Banco BVA S.A.
BANCO BMG
Companhia Müller de Bebidas
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
José Neves de Oliveira
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel Deplá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

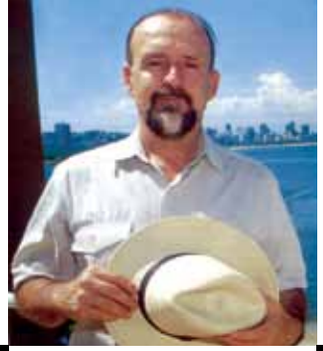
RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br



Viva Lobato e abaixo a censura!

Esquina do Ricardo

Quem lutou toda uma década contra a burrice da censura em Brasília — o que me rendeu o livro "Driblando a Censura (Ed. Griphus, 2001) — e quem abriu os olhos para o mundo aprendendo a amar o Brasil (e os outros) com os livros de Monteiro Lobato não pôde ver, senão com horror, o recente episódio que envolveu a censura ao livro "Viagens de Pedrinho".

Só depois da intervenção do ministro da Educação, a ação precipitada e inaceitável de proibir-se o grande escritor parece esmaecer-se. Mas fica o gosto amargo na boca provocado pela truculência, pela falta de informação, pelo brilhareco fácil para as luzes da mídia. Um gosto que agrega o do fel, cumulado pela falta de percepção histórica. Ou por pura intolerância, ligada ao vazio das sutilezas que o hoje "politicamente correto" pode (e deve — mas desde que avaliado em seu tempo) provocar.

O lamentável episódio de atribuir-se a Lobato a pecha de racista nada fica a dever ao de mandar prender Sófocles (morto há 2.400 anos na Grécia antiga) no Brasil de 1965. Chego agora a matutar comigo que — no andar da carruagem desses disparates — o "Samba do Crioulo Doido", clássico de humor do escritor carioca Sérgio Porto, o adorável Stanislaw Ponte Preta, será a bola da vez. Ou seja, o Festival de Besteiras que Assola o País (o Febeapá) está em ação.

Razão teve o presidente da ABL, Marcos Vinicios Vilaça, ao conceder curta, mas cortante, entrevista ao Jornal Nacional: "Nem cabe comentar, porque é um ato de censura e a Casa de Machado sempre foi contra o ato de proibir qualquer escritor."

Aliás, falando de escritores: Sérgio Porto foi um dos mais estimulantes e operosos intelectuais do Brasil. Até porque fez de tudo, na última década de vida (1958 — 1968), tanto na imprensa quanto no rádio, na televisão e... na literatura.

Sérgio, escritor da obra-prima "A Casa Demolida" e cronista implacável do Febeapá, não morrerá jamais na memória do afeto carioca. E não apenas por todos esses motivos. Mas também porque Sérgio foi um musicólogo de primeiríssima linha. Eu o conheci muito bem como seu companheiro do Conselho Superior de Música do então em fase de implantação Museu da Imagem e do Som.

Sérgio — devoto dos sambistas primiciais como Heitor dos Prazeres, Cartola, Pixinguinha e Nelson Cavaquinho — era cultor das mais refinadas vertentes do jazz norte-americano, sobretudo o tradicional, tal como seu tio, Lúcio Rangel.

Uma raríssima exposição sobre nosso adorável Stanislaw foi montada no Instituto Cravo Albin graças à generosidade de Arthur Rego Lins e Augusto César Rego Lins, filhos de Elza, derradeira (e verdadeira) enamorada de Sérgio Porto. E celebrou o espírito do Rio no que tem de mais robusto, refinado e corajoso.

Doçuras dodecafônicas

por Deborah Dumar

De acordo com dois conceituados compêndios, o Dicionário Cravo Albin da MPB e o dicionário virtual analógico de Carioquice, magia pode muito bem ser um cidadão do mundo se apresentando no Nordeste com jovens músicos ou com uma orquestra filarmônica no Japão relendo nos intervalos as obras de Shakespeare ou mexendo em partituras armazenadas no iPad, e seguindo para um voo a Paris onde, também, tem residência, quando, então, se detém sobre o estudo de peças inéditas para exibições com orquestras de formações e repertórios diferentes, como as que fez em Cuba e na Espanha, em outubro. Abracadabra, magia é Egberto Gismonti.

Com mais de 60 álbuns gravados — hoje distribuídos a 42 países (Europa, Japão e Estados Unidos) através da parceria de seu selo Carmo com a ECM Records, da Alemanha — e 30 trilhas sonoras que levam a sua assinatura (a exemplo do recente campeão de bilheteria "Chico Xavier", dirigido por Daniel Filho), Gismonti se dedica, entre outras coisas no momento, à produção do CD da Orquestra de Sopros da Pro Arte, em homenagem à regente Tina Pereira.

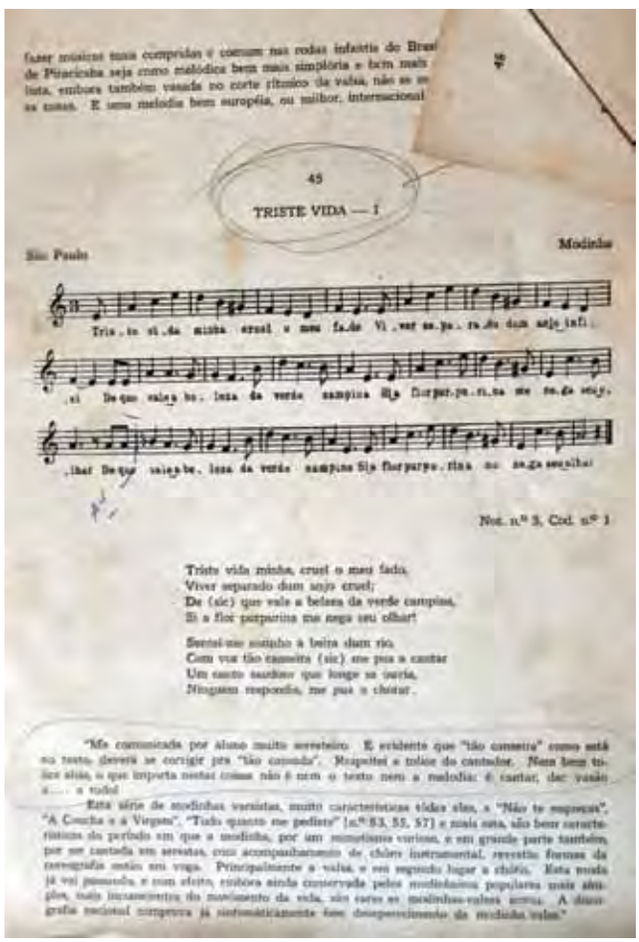
Ela era a diretora musical do grupo dos estudantes de música da escola de Laranjeiras, que, a cada ano, homenageia um compositor, e havia preparado um tributo ao artista, pouco antes de morrer, em 2008. A orquestra, que reúne um time de arranjadores de renome — como Zeca Assumpção, Carlos Malta, Bia Paes Leme, Ignez Perdigão e Caio Senna estão entre eles —, é integrada por jovens entre 17 e 25 anos e formada por flauta, clarinete, saxofone, trombone e trompete; violão, piano, cavaquinho, contrabaixo, bateria e percussão — mas tem uma formação dinâmica, de forma a se adequar às habilidades dos integrantes. Antes de Egberto Gismonti, já foram contemplados com a honraria Dorival Caymmi, Milton Nascimento, Lamartine Babo, Braguinha, Noel Rosa, Ari Barroso, Pixinguinha, Tom Jobim, Chico Buarque, Edu Lobo, Hermeto Pascoal e Baden Powel.

Retribuição

Gismonti chegou a acompanhar a preparação do espetáculo, assistindo a ensaios e alterando os arranjos, conforme a própria Tina comentou, feliz, à época: "É a primeira vez que temos um músico escolhido tão próximo. Egberto Gismonti

está superenvolvido com esse trabalho. Manda partitura, corrige arranjo e estará com certeza na estreia", comemorava, na ocasião.

No repertório do CD, estão "Palhaço na caravela" (adaptação de Tina Pereira)", "Tá boa santa" (arranjo de Carlos Malta), "Nó Caipira e Zabumba" (arranjo de Matias Correa), "Sanfona" (arranjo de Raimundo Nicioli), "Água e Vinho" (adaptação de Bia Paes Leme, revisada pelo autor), "Café" (arranjo de Gabriel Improta, revisado pelo autor) "Dez anos" (arranjo de Zeca Assumpção), "Eterna" (adaptação de Domingos Teixeira, revisada por Gismonti), "Karatê" (adaptação de Tina Pereira, revisada por Gismonti), "Maracatu" (arranjada por Caio Senna), "Loro" (arranjo de Zeca Assumpção, revisado pelo autor) e "Frevo" (arranjo de Jovino Santos Neto).


45

TRISTE VIDA — I

São Paulo

Modinha

Nos. n.º 3, Cod. n.º 1

Triste vida minha, cruel o meu fado,
Viver separado dum anjo cruel;
De (sic) que vale a beleza da verde campina,
E a flor purpurina me nega seu olhar!

Sentei-me sozinho à beira dum rio,
Com voz tão canseira (sic) me pus a cantar
Um canto saudoso que longe se ouvia,
Ninguem respondia, me pus a chorar.

"Me comunicada por aluno muito sereteiro. É evidente que "tão canseira" como está no texto, deverá se corrigir pra "tão cansada". Respeitei a tolice do cantador. Nem bem tolice ainda, o que importa nestas coisas não é nem o texto nem a melodia: é cantar, dar vazão a..... a toda!

Esta série de modinhas varonias, muito características tidas atas, a "Não te esqueças", "A Cruzeira e a Virgem", "Tudo quanto me pedisse" [n.º 53, 55, 57] e mais esta, são bem características do período em que a modinha, por um momento varonia, e em grande parte também, por ser cantada em serenatas, com acompanhamento de choro instrumental, revestiu formas da coreografia então em voga. Principalmente a valsa, e em segundo lugar a chôrô. Esta moda já vai passada, e com efeito, embora ainda conservada pelos modinheiros populares mais abúlgos, mais inconscientes do movimento da vida, são raras as modinhas-valsas acesas. A discografia nacional comprova já sistematicamente tem desaparecimento da modinha valsa."

revisado pelo autor) e "Frevo" (arranjo de Jovino Santos Neto).

Como retribuição à regente, ele decidiu, então, dar continuação ao trabalho dela, através do projeto" "Viva Tina", prontamente encampado pela Pro Arte. Com 22 dos 34 instrumentistas da orquestra, preparou um espetáculo memorável, que foi mostrado na Mimo 2010 (Mostra Internacional de Música em Olinda e que promoveu apresentações também em Recife e João Pessoa), em setembro.

Quando resolvi fazer (o projeto), quis renovar a coisa, pois encontrei os meninos tristes. Ao receber o convite da minha amiga Lu Araújo (criadora e produtora da Mimo), eu disse que só iria com a orquestra, queria levar todo mundo, ela aceitou e aí começamos a ensaiar. O resultado foi surpreendente. Não eu, não a música, não a capacidade deles. A natureza, que prevalece sempre", comenta, acrescentando que teve uma ideia e decidiu mudar tudo. "São jovens bonitos, pedi que fossem menos formais, vestissem roupas coloridas e, no primeiro lugar em que nos apresentaríamos, a nave de uma igreja, pedi que tirassem dali as cadeiras e começamos a ensaiar", relembra.

O público de João Pessoa, que havia assisti-

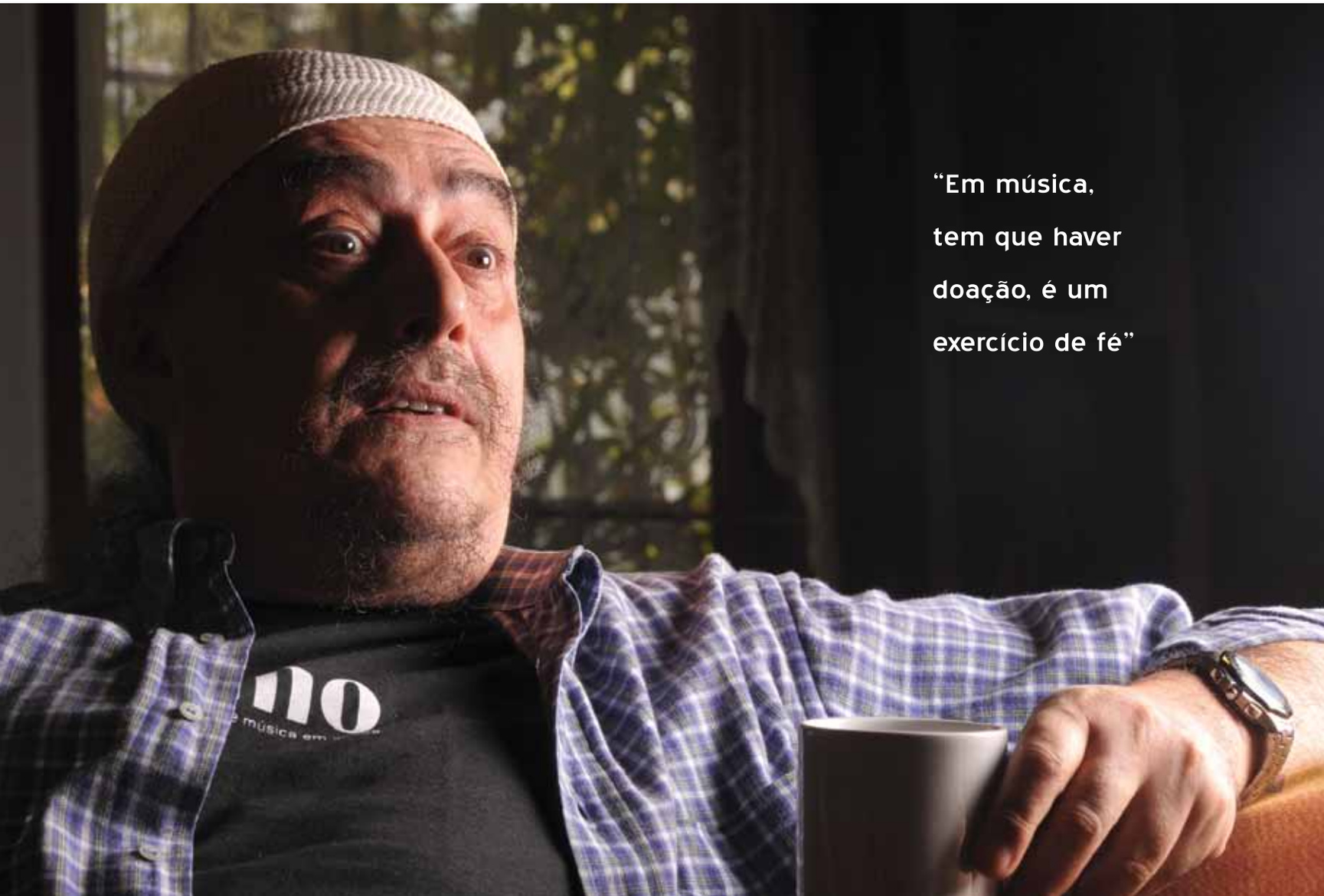
"Nada meu é tão urgente agora. A vida me ensinou o quanto estou ganhando. A vida é muito benevolente comigo"

do a um concerto de Gismonti três anos antes, ao ar livre no Centro da cidade, vibrou com a novidade. Ouvir as peças do autor na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, com ele próprio regendo os instrumentistas da nova geração, causou sensação. "Eles (os músicos) irradiaram beleza, que nos deixou a todos com uma esperança maior do que a vida. A alegria deles foi restaurada e o espetáculo, lindo. E olha que não digo isso só com os olhos de homenageado. Em música, tem que haver doação, é um exercício de fé", afirma, satisfeito, o produtor do CD, que ainda não tem previsão de lançamento e que carrega esse trabalho consigo no iPad.

trajetória diferenciada

O mercado fonográfico brasileiro, a discussão sobre direitos autorais, as novas mídias e a divulgação aqui do seu trabalho são assuntos que Gismonti não tem interesse em abordar. Nem entrevistas, confessa, gosta de dar. "Não tenho nada para vender, nada para falar. Diga só que estou produzindo o CD da Orquestra de Sopros da Pro Arte." Com modéstia, esquiva-se de falar sobre o êxito de sua trajetória e as premiações que conquistou. "Está tudo na internet."

Parece mais à vontade ao mostrar os ninhos da casa de passarinhos de seu jardim, as fitas coloridas que se estendem próximas à estante,



"Em música, tem que haver doação, é um exercício de fé"

com que separa os livros e os CDs que ainda não teve a chance de ouvir ou ler. Falar da procedência da bela mesa da sala, da sopeira de porcelana sobre o caminho de mesa de renda, do artesanato em cerâmica e de sua fascinação por fotografia. Ou da admiração que nutre sobre as amizades que cultiva ao longo da vida, como Geraldinho Carneiro, dos bons contadores de história que aprecia ouvir, a exemplo de Robertinho Silva .“Gosto da vida quando ela é bem contada”, e de relembrar bons momentos em companhia dos seus. Enfim, abordar coisas simples de seu cotidiano.

No apartamento que mantém na cobertura, longe do barulho do pesado trânsito do bairro, há dois pianos e ali funciona seu escritório. A sede de seu selo também fica nas vizinhanças. Mostra álbuns de fotos que coleciona, comenta sobre a capa que foi feita no Parque Lage “Em família”, 1981, em que aparece com a mulher, Rejane Medeiros, e o filho Alexandre, ainda bebê, em belíssima imagem clicada por Milton Montenegro de um LP que teve a capa em preto e branco em degradé e a bolacha, embranquecida — uma inovação no mercado do disco naquele tempo. Os dois filhos, Alexandre e Bianca — que herdaram o gosto pela música (ele é violonista e ela, pianista) —, já são adultos e Gismonti vive dias serenos, com os olhos voltados para o mundo, em meio a uma movimentadíssima agenda de trabalho.

Apesar de lidar com informática com os pés nas costas (vale lembrar que, na década de 80, ele lançou o LP “Alma”, que vinha com as partituras impressas em computador), em contraponto aos livros antigos que coleciona, explica por que não tem aparelho celular. “Nada meu é tão urgente agora. A vida me ensinou o quanto estou ganhando. A vida é muito benevolente comigo”, fala, como se para si mesmo, na poltrona de sua sala, antes de tomar mais um gole de café e ajeitar o gorro de crochê, que faz parte de sua imagem há décadas, assim como a cabeleira presa.

Reviravoltas

Mas esse desinteresse sobre o mercado fonográfico e a discussão do direito autoral “O

A capa do disco ‘Em família”. Clicada no Parque Lage, ao lado da mulher, Rejane, com o filho Alexandre no colo

Brasil está muito atrasado nisso", observa. "Não é de hoje, não vem de agora." Egberto Gismonti tem uma trajetória e um estilo bem diferente da maioria dos nossos artistas. O menino nascido em Carmo (5/12/1947), filho de um libanês e de uma italiana, começou a estudar piano aos cinco anos de idade e frequentou o Conservatório, onde aprendeu também a tocar violão, flauta e clarinete. Considerado um virtuose da música instrumental popular, Gismonti despontou aos olhos do grande público e da crítica do Brasil em 1968, no III Festival Internacional da Canção Popular, com a música "Sonho".

Saiu do país no mesmo ano para se aprimorar, indo estudar música dodecafônica com Jean Barraqué e análise musical com Nadia Boulanger, na França. O primeiro disco, que leva seu nome, chegou ao mercado em 1969, ocasião em que trabalhou com Maysa, fazendo alguns dos arranjos e tendo gravadas por ela duas composições. Mas suas experimentações, já naquele tempo, começavam a despertar o interesse do mercado internacional.

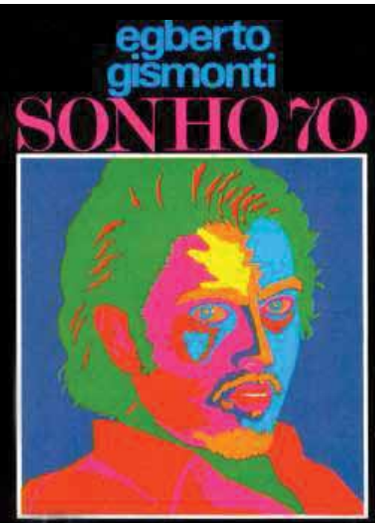
Em 1976, gravou com o percussionista Naná Vasconcelos o primeiro disco para a ECM (a celebrada Edition of Contemporary Music, criada por Manfred Eicher em 1969), o hoje clássico "Dança das cabeças", que recebeu aclamação internacional e em que o virtuosismo violonístico de Gismonti aparece em toda a sua grandeza. No Brasil, com os álbuns lançados pela EMI-Odeon, o artista mantinha um público fiel e o prestígio. Por intermédio da Carmo, sua gravadora, produzia álbuns de artistas de diferentes gêneros, como Wanderléia, Marlui Miranda, Robertinho Silva, Luiz Eça e Nando Carneiro.

Janelas abertas

Outro destaque em sua discografia diz respeito ao álbum "Sol do meio-dia", que ele dedicou aos índios Iualapiti, que vivem na porção sul do Parque Indígena do Xingu, região que ficou conhecida como Alto Xingu. Depois de retornar da Europa, Gismonti seguiu viagem para a Amazônia, levando a tiracolo uma câmera fotográfica emprestada por Bita Carneiro, irmã de Geraldinho Carneiro (que o alertou sobre a necessidade de comprar filmes, pois só poderia tirar duas fotos com o que estava na máquina). "Estava pensando em passar uns nove, dez dias e acabei ficando 43. Não comprei os filmes, nem me lembrei disso", conta, rindo. Fez uma foto da estrada e outra da oca.

A convivência com o líder espiritual da tribo que vive perto do Posto Leonardo, o pajé Sapaim, e a reunião com os homens em torno da fogueira (apesar de ele não conhecer o dialeto, participava da roda, até o dia em que se sentiu à vontade para se expressar, a seu jeito, da conversa, aconselhado pelo sertanista Olímpio, e foi considerado "amigo") representaram, para ele, "uma grande lição da percepção". A comunicação entre eles se dava, principalmente, através da música. Uma observação: o nome do líder indígena ganhou repercussão no Brasil e no exterior, em 1986, quando foi convidado pelo presidente Sarney para curar o biólogo Augusto Ruschi — que havia sido intoxicado por um sapo de veneno letal —, através da pajelança. Iniciado na arte da cura xamânica ainda na infância, o líder da tribo foi tema de um documentário, "Pajé Sapaim: O mensageiro do tempo".

Essa experiência de Egberto Gismonti no Xingu foi decisiva na elaboração de "Sol do meio-dia", que teve a participação de nomes em ascensão à época na ECM, o saxofonista Jan Garbarek, o percussionista Colin Walcott e o violonista Ralph Towner. E as duas únicas imagens que fez acabaram, com a entusiasmada aprovação de Eicher, ilustrando o álbum — a da estrada está na capa do CD.



Gismonti despontou aos olhos do grande público e da crítica do Brasil em 1968, no III Festival Internacional da Canção Popular, com a música "Sonho". Ricardo Cravo Albin estava no júri e até hoje lembra que o aparecimento dele no FIC foi um "clarão de luz e de originalidade"

A partir do final da década de 70, além de ser considerado unanimidade entre os fãs da música instrumental brasileira, realizou numerosas turnês pela Europa, tocando com grandes nomes do jazz e da world music: além dos já mencionados, Herbie Hancock, Airto Moreira, Flora Purim e Charlie Haden (este participou de seus discos "Folk songs" e "Mágico", de 1979). No álbum duplo "Sanfona" (1980), Gismonti toca sozinho em um e, no outro, é acompanhado pelo grupo Academia de Danças, formado pelo saxofonista e flautista Mauro Senise, o baterista Nenê e o contrabaixista Zeca Assumpção.

Em 1985, com a autorização de Dona Mindinha, lançou um disco com notáveis versões para a obra de Villa-Lobos, "Trem caipira", e, em 1995, gravou com a Orquestra Sinfônica Estatal da Lituânia o disco "Meeting Point", consagrando-se como compositor erudito. Consumiríamos páginas e mais páginas ao discorrer sobre a sua numerosa obra fonográfica. Vamos nos deter por aqui e pelo CD duplo "Saudações", gravado entre agosto de 2006 e maio de 2007, e que chegou ao mercado em 2009. O primeiro CD, em forma de suíte e em que ele se utiliza do formato da música de concerto, tem o título de Gismonti "Sertões Veredas I-VII – Tributo à Miscigenação" no qual contou com a colaboração da Orquestra Cubana Camerata Romeu (as gravações foram realizadas em Havana), formada apenas por mulheres, sob a regência de Zenaida Romeu. No outro, optou por apresentar peças em formato de duos de violões (essas gravações foram realizadas no Rio de Janeiro), tendo como convidado o filho, Alexandre. Entre os destaques do duo violonístico, estão "Lundu", "ZigZag", "Dança dos escravos" e "Palhaço", com novos arranjos.

Cinema

Gismonti costuma repetir que já gravou muitos discos, muitas trilhas. Daí, preferir dirigir sua atenção para outros assuntos e para o trabalho que tem à frente. Mas ele é incansável, não para. Sobre a criação de trilhas para cinema, por exemplo, diz: "Eu dou para os diretores apenas um desenho literário", como aconteceu com a do filme "Chico Xavier", de Daniel Filho, de que participam as cantoras Olívia Byington e Dulce Bressane. O compositor exemplifica: "Quando Chico Xavier era menino, entrava em pânico com as vozes que ouvia e com o que via, o que lhe causava confusão, fora a dor de ver a estranheza dos outros em relação a ele. Nesse momento, sugeri ao Daniel Filho ruídos altos, imensos, os ruídos da alma. E, quando ele se descola e se alimenta do sorriso do outro, entrei

com uma melodia". No caso de Ruy Guerra, "profundo conhecedor de cinema e música", com quem trabalhou em "La bela palomera" (1987), "Kuarup" (1988) e "Estorvo" (1999), as coisas tomam outro rumo, conta. "Fiz três marcas inteiras para o Ruy e ele me disse: 'Isso está uma merda!' (lembra-se, rindo). E aí fizemos as modificações."

Da relação de diretores nacionais e estrangeiros com quem vem atuando desde 1969 ("A penúltima donzela", de Fernando Amaral), estão Reginaldo Farias ("Quem tem medo do lobisomem", 1973, e "Pra frente Brasil", 1981), Braz Chediak ("Confissões do Frei Abóbora",1972), Jean Pierre Albicoco ("Polichinelo", 1975), Jean Pierre Dutilleux ("Raoni", 1976, e "Amazon forever", 2004)), William Friedkin ("Cruising", 1979), Eduardo Escorel ("Ato de violência", 1980), Zelito Vianna ("Avaeté", 1985), Fernando Solanas ("El viaje", 1991) e Tizuka Yamasaki ("Gaijin II", 2004).

Entre as produções mais recentes, podemos citar "Wenceslau e a Árvore do Gramofone" (de Adalberto Müller, 2008), "Tempos de Paz" (Daniel Filho, 2009), "Marajó", de Regina Jehá, e "Senhor do labirinto", de Geraldo Tomé, sobre Artur Bispo do Rosário, que estreou no Festival do Rio deste ano.

Dono absoluto de suas obras

Estudioso, curioso e criterioso, Gismonti gosta de pesquisar, buscar em outros livros as referências a uma determinada obra em que esteja interessado, para também tirar suas conclusões, ampliar seu universo a partir de observações que se tornam verdadeiras descobertas. Parece insaciável a sua fome de saber. Não foi à toa que, em determinado momento de sua carreira, já antenado e independente das amarras do mercado fonográfico nacional, começou a ter aulas sobre direito autoral, assunto sobre o qual se deteve durante dois anos e meio com advogados especializados no setor. "Depois desse tempo, fui para o Xingu passar três dias na floresta para ter contato com os pajés e saber um pouco sobre esse lado brasileiro", declarou a um jornalista, por e-mail, recentemente.

Partiu, então, para a compra de todos os seus fonogramas ("Ao contrário de Lennon e McCartney, que tiveram suas músicas compradas pelo Michael Jackson, eu sou dono da minha obra", destaca hoje) e fechou negócio com a ECM: a Carmo produzia e a gravadora alemã distribuía. Alcançou o que procurava: a liberdade para criar e produzir e uma eficiente distribuição dos CDs no mercado internacional.

Nos encontros com Manfred Eicher, acertou o sistema de coprodução ECM-Carmo, e Gismonti vende cerca de 200 mil cópias pelo mundo. Isso em plena época da pirataria. Ainda naquela mesma entrevista, afirmou que "a Carmo passou a ter um significado, ainda que pequeno, dentro do mercado europeu" e explicou como a coisa funciona:

"Não temos a pretensão de grandes tiragens, nunca tivemos, então temos uma cota mínima. E eu sei que um disco da Carmo, quando o artista é totalmente desconhecido, vai poder atingir essa cota. Essa cota significa oito, nove mil discos. Então a gente prensa sete, oito mil discos, distribui e vê a reação nos primeiros seis meses. Se for muito boa, manda fazer mais cinco mil e por aí vai", disse, destacando os lançamentos da cantora argentina Silvia Iriondo, do músico francês Bernard Wystraëte e do quarteto brasileiro de violões Quaternália.

Uma promissora notícia para a Orquestra de Sopros da Pro Arte, quem sabe? Mas, para aqueles que queiram recuperar a coleção de discos de Gismonti, talvez seja melhor pedir para um amigo trazer do exterior, pois eles desapareceram das prateleiras no Brasil.

www.vale.com/descobridores

Por trás de uma vida existem muitas outras.

Gente

Pessoas são a maior riqueza da humanidade. Nos perguntamos todos os dias: Como cuidar de cada uma delas? No mundo todo, o cuidado com a vida é um dos nossos valores fundamentais. E, como descobridores, buscamos sempre novas formas de inovar. De ir além. Por isso, investimos em treinamento, saúde e segurança para que todos aqueles que fazem hoje a mineração do futuro trabalhem seguros. Porque a gente sabe que por trás de uma vida existem muitas outras.

Vale. Não existe futuro sem mineração. E não existe mineração sem pensar no futuro das pessoas.

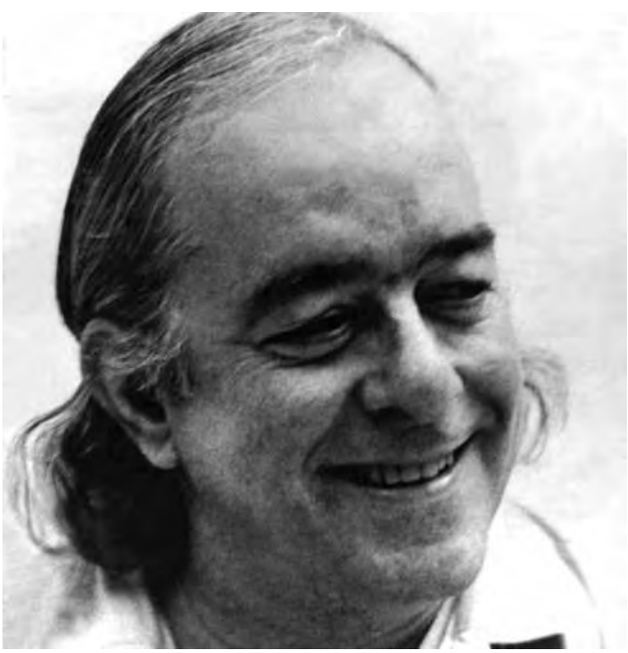
VALE

Poeta, poetinha, camarada

POR KELLY NASCIMENTO

Em nove de junho de 1980, o Brasil perdia um de seus grandes poetas ou, para ser mais preciso, o poeta do amor e da boemia, Vinicius de Moraes. Vina, como era carinhosamente conhecido, fez da palavra idílio a última letra do alfabeto. Com ele o scotch ganhou o status de cachorro engarrafado, passando a ser o melhor amigo do homem. O Instituto Cultural Cravo Albin celebra o poeta com o livro "Vinicius, o Embaixador do Brasil" (com apoio dos parceiros habituais FINEP e FAPERJ) cheio de historietas deliciosas. Afinal, são 30 anos sem ele, Vinicius, velho saravá!

O livro, que contém capítulos de Bernardo Mello Franco e Haroldo Costa, traz depoimento raro do, também, embaixador Affonso Arinos de



Mello Franco. "Ao entrar no Itamaraty, fui designado para servir na Comissão de Organismos Internacionais, subordinada à Divisão de Atos Internacionais. Ali chegado, apontaram-me uma mesa vazia, que seria a minha. Na mesa pegada, aboletava-se o diplomata Vinicius de Moraes. Desde então, ficamos praticamente inseparáveis por todo o tempo em que servimos juntos na Secretaria de Estado — durante o dia no Ministério, à noite em romaria incessante pelos bares de Copacabana. O horário manso do trabalho permitia a vida boêmia colateral. Findo o expediente, nos dirigíamos à sede do jornal Última Hora, distante apenas uns quarteirões, onde Vinicius devia entregar sua crônica diária, com que suplementava os modestos vencimentos funcionais."

Na obra, tornada possível pelo apoio dos parceiros mais constantes do ICCA, a FINEP e a FAPERJ, que fizeram incluir nela dois preciosos discos (DVD

> "Enquanto Vinicius desenvolvia sua polêmica atuação de crítico de cinema, começa a preparar-se para aquela que seria a sua verdadeira profissão, depois, é claro, de poeta, escritor e boêmio: a de diplomata"
>
> Ricardo Cravo Albin

e CD documentais), Ricardo Cravo Albin lembra causos e principais pontos da trajetória do homenageado. Em 1941, Vinicius de Moraes abraça a profissão de jornalista: emprega-se como crítico de cinema no jornal "A Manhã". Colabora também no seu suplemento literário e ainda na revista "Clima", dirigida pelo crítico Antônio Cândido. "Enquanto Vinicius desenvolvia sua polêmica atuação de crítico de cinema, começa a se preparar para aquela que seria a sua verdadeira profissão, depois, é claro, de poeta, escritor e boêmio: a de diplomata. Aconselhado por Oswaldo Aranha, Vinicius resolve prestar exames para o Itamaraty", recorda Ricardo. E em decreto de 10 de dezembro de 1943 Vinicius foi nomeado para o cargo inicial de diplomata, Classe J.

Em uma das passagens, sobre a peça "Orfeu da Conceição", Ricardo lembra que o financiador do projeto foi ninguém menos que Oscar Niemeyer, que também entrou como cenógrafo do projeto. Isso pouco antes de projetar Brasília.

O momento em que Vinicius conhece Tom, claro, não podia ficar fora. "Uma certa tarde, o poeta bebericava no Villarino com amigos, quando entra o jovem Jobim, imediatamente apresentado por Lúcio Rangel a Vinicius de Moraes. Nascia ali não apenas o convite para o *score* musical da peça.

Nasciam também, para todo o sempre, os dois

A década de 1957 a 1967 marcaria o apogeu de Vinicius de Moraes como letrista de música popular. Para se ter uma ideia, somente entre 1962 e 1967, Vinicius produziu nada menos que cem composições

maiores vultos da segunda metade do século XX em música popular brasileira: o letrista Vinícius e o compositor Tom Jobim. Surgia, finalmente, daquele encontro a mais bela coleção de canções da história da MPB, as composições da dupla Tom-Vinicius", relata.

Outra história deliciosa que o livro recorda é a da criação de "Garota de Ipanema". "A história já é lenda, mas vale repeti-la aqui: estavam Tom e Vinícius a bebericar no Bar Veloso, hoje Garota de Ipanema, quando o olhar de ambos é arrebatado pelo andar ondulante de uma jovem que, de maiô, caminhava em direção ao mar, ali em frente. Foi a justa conta para sair, ali mesmo, o mote principal de "Garota de Ipanema", em cujos versos Vinicius produziria uma descrição exata — e enxuta — da cena carioca, uma síntese perfeita que fica entre o bucólico e o sensual."

A década de 1957 a 1967 marcaria o apogeu de Vinicius de Moraes como letrista de música popular. Para se ter uma ideia, somente entre 1962 e 1967, Vinicius produziu nada menos que cem composições. Com efeito, ele atingiu um reconhecimento público como compositor e cantor, tendo sido elevado a uma posição única. Já incensado pela crítica e cadernos literários, ele ganha, com "Arrastão", em parceria com o jovem Edu Lobo, o festival da canção de 1965 da TV Excelsior de São Paulo. A intérprete da música foi Elis Regina, que despontaria para o estrelato a partir dali.

Em 5 de abril de 1969, Vinicius é desligado oficialmente do Itamaraty pelo Ato Institucional Nº 5. O poeta resiste à tentação do autoexílio e permanece no Brasil. "Entre 1970 e 1980, Vinicius de Moraes resiste aos governos militares fazendo o que sabia e aquilo no que foi mestre: o exercício concreto de sua sedução pessoal, encenando espetáculos em todo o país para os jovens do Brasil. Onde a poesia e a música se conjugavam para que o poeta destilasse, gota a gota, as emoções que brotavam do seu coração generoso e fiel aos destinos mais heroicos dos poetas clássicos. Isto é, viver como poeta, livre das amarras, liberto como um pássaro em pleno voo, como a ele se referiu Drummond, com uma ponta assumida de inveja, ao fazer 75 anos de vida em 1975", recorda a obra.

A injustiça que sofreu Vinicius com relação a sua carreira diplomática foi corrigida postumamente. Em 2010, ele foi promovido ao cargo de ministro de primeira classe da carreira de diplomata, equivalente ao título de embaixador, pelo governo

Entre 1970 e 1980, Vinicius de Moraes resiste aos governos militares fazendo o que sabia e aquilo no que foi mestre: o exercício concreto de sua sedução pessoal, encenando espetáculos em todo o país para os jovens do Brasil

brasileiro. A homenagem que oficialmente marcou a reintegração de Vinicius à diplomacia se realizou no dia 16 de agosto de 2010 na Sala Brasília, Palácio Itamaraty, em Brasília, e contou com a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; do ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim; além de parentes e amigos do compositor e, agora, embaixador. Ricardo Cravo Albin participou da homenagem, conduzindo a cerimônia que, claro, teve ritmo de bossa nova. Vinícius de Moraes foi cantado nas vozes de Miúcha, da filha, Georgiana, e da neta, Mariana.

Uma justa homenagem ao poeta de alma boêmia que seguiu a carreira diplomática por 25 anos. A bênção, Vinicius!

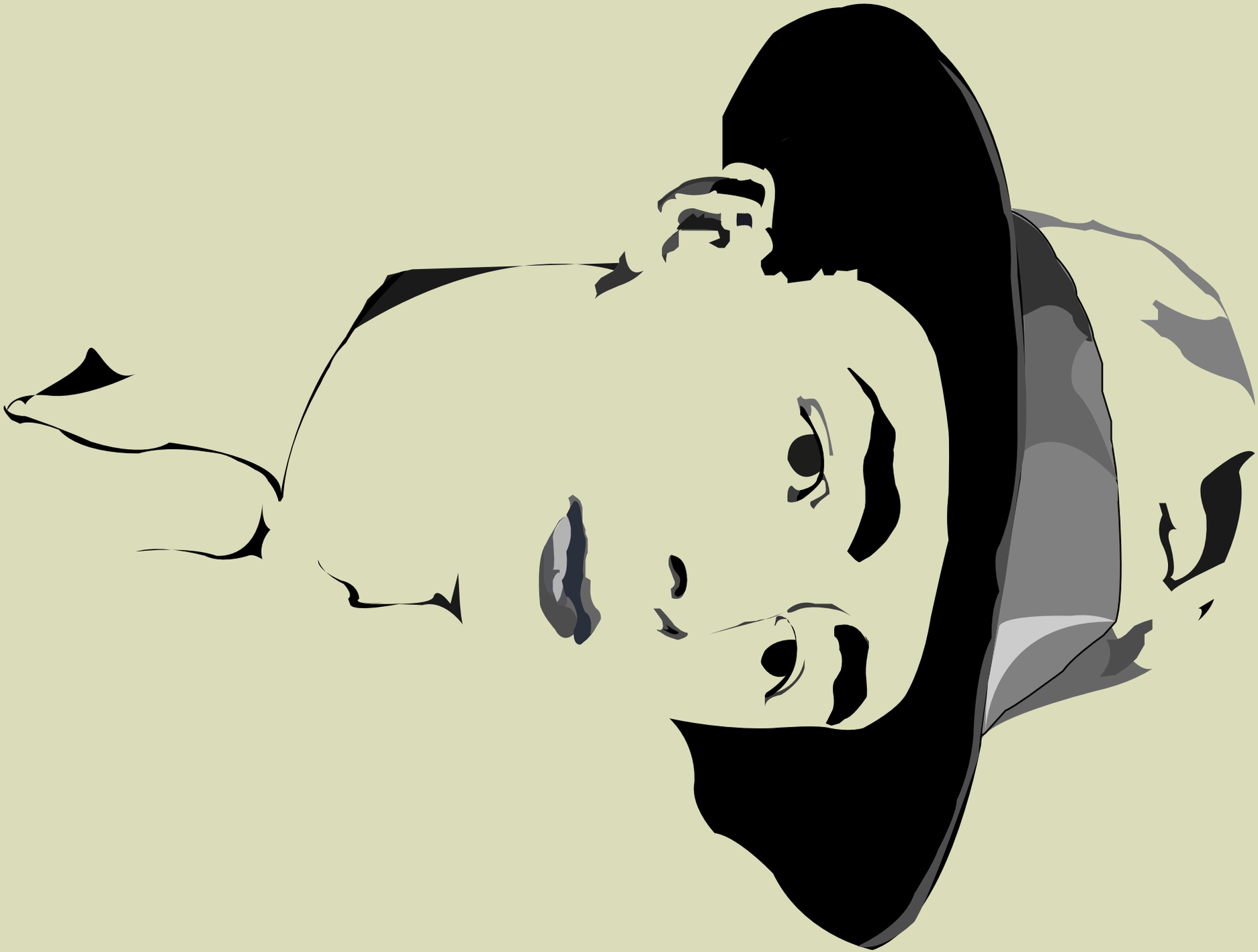
O Pierrô apaixonado da Vila

por Mônica Sinelli

O bebê de quatro quilos que precisou de fórceps para ver a luz do mundo não prenunciava o menino que cresceu magrinho e debilitado nas ruas de Vila Isabel. Da mesma forma, é impressionante examinar o valioso patrimônio de mais de 250 composições construído pelo homem que, sempre às voltas com problemas pulmonares, morreria tão jovem, aos 26 anos. Parece ontem, mas estamos no mês do centenário de nascimento de Noel Rosa, celebrado pelo ICCA com exposição e show, no exato dia do nascimento do poeta, 11 de dezembro.

Foi em curto intervalo de tempo — entre 1930 e 1937 — que Noel de Medeiros Rosa, nascido a 11 de dezembro de 1910, transformar-se-ia no principal artífice da conexão morro-asfalto na música brasileira. A gênese desse extraordinário legado reside na casa da Rua Teodoro da Silva nº 30 (que mais tarde seria demolida para dar lugar a um prédio que leva seu nome), onde morou até falecer. O adolescente com o rosto deformado pelo ferro que afundou seu maxilar na hora do parto começou a aprender bandolim com a mãe — a professora Marta, que o alfabetizou — e violão com o pai, o gerente de camisaria Manuel. "Queixinho", apelido que recebeu no Colégio São Bento, onde estudou até 1928, chegou a cursar dois anos de Medicina. Porém, a breve passagem pela faculdade não renderia mais que o samba Coração, com os improváveis versos "Coração/Grande órgão propulsor/Transformador do sangue/Venoso em arterial...". Logo, ele não vacilaria ao abraçar o samba.

Em 1929, o Bando de Tangarás, formado por Almirante, Braguinha, Alvinho e Henrique Brito, convidou Noel para se juntar ao grupo no violão e fazer sua primeira gravação — o samba "Mulher exigente", de autoria do primeiro. E o futuro Poeta da Vila começou a compor a embolada "Minha viola" e a toada "Festa no céu", registradas por ele no ano seguinte, quando já emplacaria o sucesso abre-alas de uma série prodigiosa. "Com que roupa?", na sua própria voz, explodiria em todo o país no carnaval de 1930. Refletindo, segundo o autor, o "Brasil de tanga", cheio de dificuldades, sobre ela corre uma historinha memorável. Debochador de plantão, Noel não livrou nem o augusto Hino Nacional que, em sua versão burlesca, iniciava com a gracinha "Elvira cor de manga/amarga e flácida...". Convertido no samba "Virundum", a marcha solene teve seus três compassos inaugurais aproveitados na introdução do que viria a se chamar... "Com Que Roupa". Por sugestão de Homero Dornellas



Ilustrações de Vanderson Vieira

(parceiro de Almirante em "Na Pavuna"), antes de gravá-la, os tais compassos univitelinos sofreram a devida inversão para fugir do plágio.

Lírica de sabor popular

O fato é que, entre uma parada forçada e outra para tratamento da tuberculose, Noel não deu mais descanso ao violão. Suas incursões nas comunidades de Mangueira, Salgueiro, São Carlos, Serrinha, Gamboa e outras, na cola dos compositores negros que produziam o melhor samba carioca, renderam parcerias até então inéditas entre o asfalto e o morro, como as que estabeleceu com Cartola, Bide e Antenor Gargalhada. Essa ponte com a música da favela desemboca numa ruptura com a grandiloquência característica das letras de música da época. E transborda numa lírica de sabor popular, irreverente e crítico aos temas socioeconômicos, tão ao jeito da cidade e que são traços indissociáveis das letras de Noel.

Paralelamente às gravações solo, ele continuou se apresentando com os Tangarás e compondo com Braguinha, Lamartine Babo, Ismael Silva e Custódio Mesquita. Em 1932, conheceu Vadico, seu futuro parceiro em dez composições, a primeira delas o hoje clássico Feitio de oração. O ano seguinte seria de mais sucessos: Fita amarela, Onde está a honestidade, Três apitos, Não tem tradução (com Ismael Silva e Francisco Alves) e Filosofia (com André Filho). Ainda naquele ano, teve início sua famosa polêmica com o compositor Wilson Batista, autor de Lenço no pescoço, que fazia a apologia do sambista malandro, ideia com a qual Noel não comungava, por achar que denegria a imagem da classe. Em resposta, o boêmio da Vila escreveu Rapaz folgado, que só foi gravada após sua morte por Aracy de Almeida — a intérprete mais identificada com sua obra, embora sua preferida em vida tivesse sido Marília Baptista —, rebatendo: "Malandro é palavra derrotista/Que só serve pra tirar/Todo valor do sambista". A tréplica de Wilson veio com Mocinho da Vila, que também não teve registro em disco. Aparentemente, estava dissolvida a cizânia.

De rivais a parceiros

Em 1934, Noel se casou com Lindaura, de apenas 13 anos, dez a menos do que ele, por pressão da mãe da moça — grávida, ela viria a perder o filho. Mas viveu paixões por outras mulheres que se tornaram musas de seus sambas. Para a maior de todas, Ceci, dançarina do Cabaré Apolo, na Lapa, dedicou joias como Último desejo

As incursões de Noel Rosa nas comunidades de Mangueira, Salgueiro, São Carlos, Serrinha, Gamboa e outras, na cola dos compositores negros que produziam o melhor samba carioca, renderam parcerias até então inéditas entre o asfalto e o morro

Mais força para o Rio.

R$ 500 MILHÕES INVESTIDOS NA REDE ELÉTRICA EM 2010: MAIS QUALIDADE E SEGURANÇA.

A Light está realizando diversas obras em toda a sua área de concessão. Em 2010 serão investidos R$ 500 milhões na rede elétrica. As obras vão melhorar a energia fornecida, aumentar a segurança da rede e atenuar o risco de interrupção de energia.

Light

O RIO **É LIGHT**

Agência Virtual ou Clique-Light (www.light.com.br);
Disque-Light 24 horas (0800 282 0120) e Agências Comerciais.

EURO RSCG CONTEMPORÂNEA

Acervo ICCA

Raro gouache de Heitor retratando o próprio Pierrô apaixonado

Em 1935, Noel estourou mais uma vez nas paradas com a marcha Pierrô apaixonado (tendo Heitor dos Prazeres como parceiro) e, no ano seguinte, realizaria suas últimas gravações: Quem ri melhor e Quantos beijos, que fez com Vadico

e Pra que mentir? (com Vadico). Este seria o parceiro também na antológica Conversa de botequim, que revela à perfeição seu talento como cronista do Rio: "Seu garçom me empreste algum dinheiro/Que eu deixei o meu com o bicheiro (...) Vá perguntar ao seu freguês do lado qual foi o resultado do futebol".

Um ano depois, seria retomada a artilharia musical com Wilson Batista, que escrevera um samba para alfinetar Feitiço da Vila. Noel mandou na lata os versos de Palpite infeliz, cutucando: "Quem é você que não sabe o que diz/Meu Deus do céu,/Que palpite infeliz!/Salve Estácio, Salgueiro Mangueira/Oswaldo Cruz e Matriz/Que sempre souberam muito bem/Que a Vila não quer abafar ninguém/Só quer mostrar que faz samba também". Batista devolveu a provocação com Frankstein da Vila e Terra de cego, que ficaram sem resposta. Os dois compositores travaram contato pessoal no restaurante Leitão, na Lapa, instaurando-se um clima amistoso, quando Noel pediu ao contendor para criar uma nova letra para a melodia de Terra de cego. Nascia, ali mesmo, Deixa de ser convencida, provavelmente mais uma poesia inspirada em Ceci. A rixa que surgira a partir de uma música morreria com outra. Ponto para os meninos do samba. Ainda em 1935, Noel estourou mais uma vez nas paradas com a marcha Pierrô apaixonado (tendo Heitor dos Prazeres como parceiro) e, no ano seguinte, realizaria, com Marília Baptista, suas últimas gravações: Quem ri melhor e Quantos beijos, que fez com Vadico.

Já agravado seu estado de saúde, em 1937 comporia seu derradeiro samba, Eu sei sofrer: "Quem é que já sofreu mais do eu/Quem é que já me viu chorar?/Sofrer foi o prazer que Deus me deu/Eu sei sofrer sem reclamar/Quem sofreu mais do que eu não nasceu/Com certeza Deus já me esqueceu". Na noite de 4 de maio, o poeta da Vila faleceria na casa da Teodoro da Silva. Diversas versões envolvendo sua morte circularam na imprensa, em que há referência até a um ataque cardíaco. À beira de seu túmulo, Ary

Barroso discursou, emocionado, em homenagem ao parceiro.

Inteligência intuitiva

Sem herdeiros de sangue, Noel deixou uma legião de admiradores de sua intensa obra, como o jornalista e escritor Ruy Castro, que guarda no músico um talismã: "Minha primeira matéria assinada na grande imprensa (Correio da Manhã) foi sobre Noel, pelos 30 anos de sua morte, no dia 4 de maio de 1967. Ou seja, não poderia ter começado mais por cima — daí a luta, em todos esses anos, para manter o nível. Naquela noite, fui ao Museu da Imagem e do Som (MIS), onde havia uma exposição sobre Noel, e lá estava a minha matéria, pregada num tabique. Enquanto eu a lambia com os olhos, um rapaz se aproximou e disse: "Você é o Ruy Castro? Eu sou o Ricardo Cravo Albin (então presidente do MIS). Venha cá, quero lhe apresentar a algumas pessoas." Levou-me até a sala ao lado e me apresentou a quem? Pixinguinha, Donga, João da Bahiana, Braguinha, Paulo Tapajós e Almirante. Em 30 segundos, apertei a mão de toda a história da música brasileira. Naquela noite eu tinha 19 anos e achava que, a partir dali, todas as noites seriam fabulosas como aquela", reaviva Ruy.

O maestro Rildo Hora, produtor do recém-lançado CD Martinho da Vila Canta Noel Rosa com Elas (Biscoito Fino) — em que o sambista interpreta dez faixas de autoria exclusiva do gênio da Vila, ao lado das filhas Mart'nalia, Analimar e Maíra e, também, Ana Costa, Aline Calixto e Patrícia Hora (filha de Rildo) —, analisa: "O principal na personalidade de Noel é a inteligência para falar dos assuntos de forma humorística. Todo mundo fica encantado, como o próprio Chico Buarque. Mesmo nas músicas de amor, tipo dor de cotovelo, como Último desejo, ele consegue ser um poeta interessante e bem inspirado. Criou fórmulas novas, com muitas nuances

Diário da Noite, 5 de maio de 1937

Morreu Noel Rosa. Após alguns minutos, a cidade inteira já sabia. Noel, o popular cantor e compositor dos morros da cidade, que sempre se destacou pelas suas producções, deixa a vida para ir de encontro a um novo mundo.
Noel morreu subitamente em conseqüência de um colapso cardíaco, quando na rua Theodoro da Silva n. 382 o querido compositor encontrava-se em companhia de sua progenitora, esposa e alguns amigos palestrando recostado no leito. (...)
Cerca de 23 1/2 horas, o "sambista philosopho" pediu que fosse tocada uma das suas composições, no que foi attendido promptamente. Então, cantando "De Babado Sim", Noel repentinamente deixou de viver desapparecendo da vida e deixando saudades.

Diário de Notícias, 5 de maio de 1937

Havia mezes vinha elle soffrendo de pertinaz moléstia, que lhe tirava toda a alegria. Hontem, à noite, em frente a sua residencia, à rua Theodoro da Silva, 382, em Villa Isabel, realizava-se uma festa familiar. Os rapazes, que compunham a orquestra, resolveram prestar uma homenagem a Noel, cantando em voz alta, o samba-desafio, de sua autoria, intitulado "De Babado Sim..."
O compositor popular, que regressára havia três dias, de Pirahy, onde fôra mudar de ares, ao ouvir a musica, teve um estremecimento e morreu, talvez de emoção.

O Jornal, 5 de maio de 1937
Encontrava-se elle enfermo há várias semanas e os que o conheciam nada auguravam de bom, dado o seu physico franzino. Entretanto, ainda recentemente, concedeu uma alegre entrevista a uma de nossas revistas de rádio, traçando então os seus planos para o futuro. Não quiz o destino que se justificasse o seu optimismo.

Correio da Manhã, 6 de maio de 1937
Sem obter melhoras no Pirahy, Noel Rosa regressou a esta capital para succumbir entre os desvelos de soa veneranda mãe e de sua esposa. Na hora da agonia, ouvindo os acordes de uma orchestra próxima ao seu leito de dôr, mandou pedir a execução de um samba de sua autoria e logo depois expirava.

sacadas sempre surpreendentes, não só no texto, como — mesmo de maneira intuitiva, sem formação acadêmica - na melodia, originalmente rica".

nesse ínterim, na urca...

Uma imponente edificação — concebida em estilo eclético pelos arquitetos Archimedes Memória e Francisco Couchet — foi erguida, junto à praia da Urca, para atender os visitantes da Exposição de 1922: o Hotel Balneário, que viria a conhecer uma era de ouro depois de se transformar em cassino, onze anos mais tarde. Na década de 30 — quando a carreira de Noel estava no auge e se liberou o jogo no Brasil —, o Cassino da Urca constituiu endereço preferencial, não só para os amantes da roleta e do carteado da alta sociedade, como os apreciadores das variadas atrações da vida noturna, inclusive estrangeiros. Sim, porque nem só de rodadas e mais rodadas de risco vivia o glorioso Cassino da Urca, na verdade, um complexo de diversões, que reunia shows de cantoras como Carmen Miranda — com direito, em uma noite, à ilustre presença de Walt Disney — e as irmãs Batista, ou das vedetes Aracy Cortes, Dercy Gonçalves e Elvira Pagã. Carlos Machado se tornou maestro da orquestra Brazilian Serenaders, a banda titular do Cassino, na qual tocavam Laurindo de Almeida e Dick Farney. O palco do teatro — que comportava 50 pessoas, mas podia ser ampliado para os grandes bailes — dispunha de plataformas e elevadores, de forma a que uma orquestra pudesse ceder lugar a outra, sem interrupções. No cardápio, imperava a culinária francesa, escoltada por fina porcelana e talheres de prata. O prédio teve sua proposta de tombamento aprovada em julho de 2009.

gegê e as artes

A época de ouro de Noel coincide com os dois primeiros mandatos de Getulio Vargas no

comando do país: de 1930 a 1934, como chefe do Governo Provisório, e de 1934 a 1937, como presidente eleito pela Assembleia Nacional Constituinte. Pioneiro do marketing político de culto à personalidade no Brasil, o ilustre inquilino do Palácio do Catete foi doutor na apropriação da arte como um poderoso veículo de comunicação de massa. Criou vários órgãos específicos na área da cultura, a exemplo do Serviço do Cinema Educativo, Serviço Nacional do Livro, Serviço Nacional de Teatro, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Museu Nacional de Belas Artes. Aproximou-se dos próceres da Semana de Arte Moderna e, na Revista Cultura Política, ligada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) — que no Estado Novo assumiu o posto de censor —, apareciam intelectuais como Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre. O maior gênio da música erudita brasileira também não escapou de associar seu prestígio à administração do caudilho gaúcho. Em 1932, Villa-Lobos foi nomeado superintendente de Educação Musical e Artística do então Distrito Federal, promovendo grandes concentrações orfeônicas.

O mestre dos engenhos propagandísticos desferiria ainda um golpe demolidor. Em 1936, ano

A Noite, 5 de maio de 1937

A cidade chora, nesta notícia, o desapparecimento do expoente máximo do sambista carioca. A letra era repleta de uma philosophia humana. Sentira a necessidade de ambientar a música que vivia nos morros ao convívio da cidade.

É seu esse samba canção: "Naquelle tempo em que você era pobre / Eu vivia como nobre / A gastar meu vil metal / E, por minha vontade / Você foi para a cidade / Esquecendo a solidão / E a miséria daquelle barracão./ Tudo passou tão depressa, / Fiquei sem nada de meu / E esquecendo a promessa / Você me esqueceu, / E partiu, com o primeiro que appareceu / Não querendo ser pobre como eu". Dizem que essa história foi vivida.

Diário Carioca, 6 de maio de 1937

O povo carioca perdeu hontem, com a morte de Noel Rosa, um dos intérpretes mais perfeitos da sua poesia. Poeta instinctivo, observador profundo da vida das populações paupérrimas da cidade, Noel Rosa, compreendeu, logo no início de sua vida de homem, a necessidade que havia de realçar-se a lidima poesia popular da terra, a despeito de toda a miséria que assoberbava o modo de viver das populações dos bairros mais afastados da cidade.

A época de ouro de Noel coincide com os dois primeiros mandatos de Getulio Vargas no comando do país: de 1930 a 1934, como chefe do Governo Provisório, e de 1934 a 1937, como presidente eleito pela Assembleia Nacional Constituinte

da morte de sua mãe e um antes do passamento de Noel, entrava no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Estrondoso sucesso no país inteiro, a PRE-8 lançou as estrelas que dariam corpo ao Teatro de Revista, ao qual o todo-poderoso militar vindo de São Borja, Getulio soube extraordinariamente, atrelar sua imagem. Ao bater ponto nos espetáculos, tirar fotos ao lado das vedetes e rir das caricaturas que sobre ele produziam, o ditador forjou a simpática figura do Gegê, o velhinho boa-praça, cujo sorriso no retrato na parede fazia o povo trabalhar.

Alcaides na gestão musical de Noel

Com a deposição de Washington Luís e a vitória da Revolução de 30, ocupou a prefeitura do Rio o intendente Adolfo Bergamini, confirmado, posteriormente, no cargo pelo chefe do Governo Provisório, Getulio Vargas. Bergamini reestruturou a administração municipal, ampliando o quadro das antigas repartições, e aprovou projetos de abertura de ruas e loteamentos. Mas, com menos de um ano no posto, foi substituído, interinamente, por seu diretor de Obras, Julião Freire Esteves, e, em definitivo, pelo novo interventor na capital da República, Pedro Ernesto.

Essa gestão foi relativamente longa, embora descontínua: até 1935, ele atuou sob a condição de interventor e, a partir de então, passou a prefeito do Distrito Federal. Entre os destaques de suas iniciativas, sobressaem a construção e o equipamento de uma rede de hospitais — como o Getulio Vargas, na Penha, e o Pedro Ernesto, na Vila de Noel — e escolas públicas, a exemplo da Universidade do Distrito Federal. Em 1933, o município carioca ganhou grande visibilidade com a promoção do 1º Prêmio Cidade do Rio de Janeiro de Automobilismo, feito que entronizou o Brasil no rol dos países que participavam dessa modalidade esportiva. O circuito partia do contorno do Morro Dois Irmãos, seguindo a Avenida Niemeyer, a Estrada da Gávea, a Rua Marquês de São Vicente e a Praça Santos Dumont, até chegar à Avenida Visconde de Albuquerque, no Leblon. Em razão do afastamento de Ernesto, em 1936, coube substituí-lo o cônego Olímpio de Melo, presidente da Câmara dos Vereadores. Durante seu breve governo, destacam-se obras como a pavimentação em concreto da Pista da Gávea, para atender às corridas de automóveis, em moda na época, e a concretagem da Estrada do Joá. A aprovação do Código de Obras do Distrito Federal — regulamentação que serviu de modelo a diversas outras municipalidades brasileiras — constituiu o ato final dessa administração, em julho de 1937, dois meses após a morte de Noel Rosa.

Tão
valiosa quanto
a história de um país
é a satisfação de quem
vive para ajudar a escrevê-la.
Em seus 45 anos, a Engevix continua a apostar no crescimento do Brasil e a participar de alguns dos mais importantes projetos de infraestrutura, energia e indústria de base. Maior empresa de engenharia consultiva do Brasil, a Engevix dedica este título aos seus 2.600 colaboradores, entre eles mais de 700 engenheiros, que escrevem todos os dias a sua história.
45 Anos
ENGEVIX
1965 — 2010
www.engevix.com
+55 11 2106.0100
clan da criação.com.br

O berço de malte do orfeu da conceição

POR JULIA SANTHIAGO

Localizada no Centro do Rio, a Casa Villarino, há 57 anos, reúne em torno de suas mesas a nata da música, da literatura, do jornalismo, da política e da intelectualidade carioca. A casa, que no fim da década de 50 foi ponto de encontro de nomes como Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Darcy Ribeiro, Stanislaw Ponte Preta, Lúcio Rangel, entre outros, é um dos poucos bares de uísque daquela época sobreviventes na cidade. Que nos perdoem as congêneres, mas como dizia o diplomata Rodrigo Amado, uisqueria mesmo é o Villarino, o resto são secos e molhados.

Fundada pelo espanhol Luiz Villarino Perez em meados de 1953, a tradicional Casa Villarino é um misto de bar e delicatessen, onde é possível encontrar bebidas e comidas finas, nacionais e importadas. A decoração e o clima guardam ares do Rio antigo. Ao fundo fica o bar, decorado com fotos dos ilustres frequentadores. No almoço são servidos pratos quentes e frios, além dos famosos sanduíches, e à noite, petiscos. À mesa chegam os mesmos produtos vendidos na delicatessen, como os tradicionais queijo bola, brie e o presunto de Parma. Para beber, a fiel clientela se divide entre o uísque e a cerveja.

"A localização estratégica, próximo ao aeroporto, a esquina da Avenida Calógeras com a Presidente Wilson, fez do Villarino um dos locais preferidos por artistas, jornalistas, poetas e intelectuais do Rio para um bate-papo e um drinque no fim da tarde. Vários artistas em começo de carreira também apareciam por aqui, procurando firmar novas amizades", explica a gerente da casa, Maristela Nava. Segundo ela, a proximidade com algumas redações de jornais, gravadoras de discos, como a Odeon, editoras, o Ministério da Educação, a Academia Brasileira de Letras e o Itamaraty, propiciou que esses encontros acontecessem por lá.

De acordo com Maristela, foi no Villarino onde o jornalista Lúcio Rangel apresentou, no verão de 1956, Vinicius de Moraes a Tom Jobim, e onde

surgiram as primeiras conversas que originariam as letras e músicas da peça "Orfeu da Conceição". Diz a lenda que, na época, Tom, preocupado com o difícil início de carreira, ao ser apresentado ao poeta, perguntou: "Tem um dinheirinho nisso?" Lúcio Rangel, perplexo, explicou ao amigo que se tratava do poeta Vinicius de Moraes e a história virou piada entre os amigos. Maristela conta que, ao sair de seu trabalho na gravadora Odeon, Tom Jobim de vez em quando passava pelo bar, esperando por um horário mais desafogado de pegar uma condução de volta à Zona Sul, ou por uma carona.

Também foi lá onde se ouviu pela primeira vez o termo Bossa Nova, que ninguém sabia ao certo o que significava, mas acabou dando nome ao novo estilo musical que revolucionou e marcou uma era. Há controvérsia quanto à autoria do termo: uns atribuem a paternidade a Fernando Lobo, que o usava para qualificar tudo o que era novidade; outros, dizem que foi Lúcio Rangel e

Foi no Villarino que se ouviu pela primeira vez o termo Bossa Nova, que ninguém sabia ao certo o que significava, mas acabou dando nome ao novo estilo musical que revolucionou e marcou uma era.

Lúcio Rangel e Sérgio Porto

Foto de época com Haroldo Barbosa sendo fotografado

até Sérgio Porto. Polêmicas à parte, o fato é que há unanimidade quando se diz que foi no Villarino que surgiram o termo e o novo estilo musical.

Outra lendária história da época revelada pela gerente é a da aposta, firmada nas mesas do Villarino, entre Ary Barroso e Haroldo Barbosa, às vésperas de um Fla-Flu, em 1955. O tricolor Haroldo Barbosa desafiou o rubro-negro Ary Barroso a raspar o bigode de quem perdesse a partida. No domingo, o Fluminense marcou 3 a 2 e a promessa foi cumprida. Na segunda-feira a turma do bar saiu pela cidade atrás do perdedor, que estava escondido na casa das intérpretes

Villarino em 1956: Vinicius com o filho Pedro e, à sua direita, Lúcio Rangel; de pé, Paulo Mendes Campos, atrás de Fernando Lobo

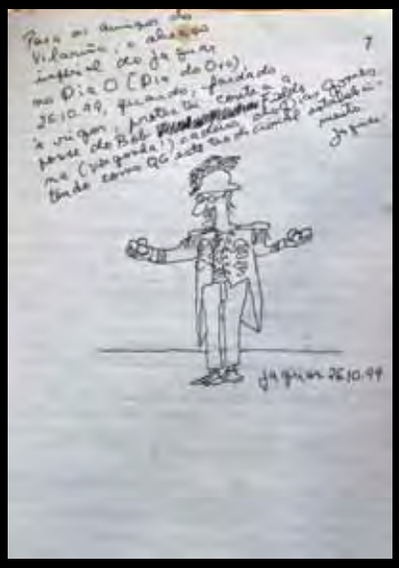
À mesa (a partir da esquerda): J. D'Ávila, Flávio de Aquino, Antônio Bandeira, Raimundo Nogueira, Nestor Leite, Eustáquio Duarte, Di Cavalcanti, Fernando Lobo, Dolores Duran, Elizeth Cardoso, José Sanz, Carlos Thiré, Rosana, Lígia Clark.

O dia da inauguração

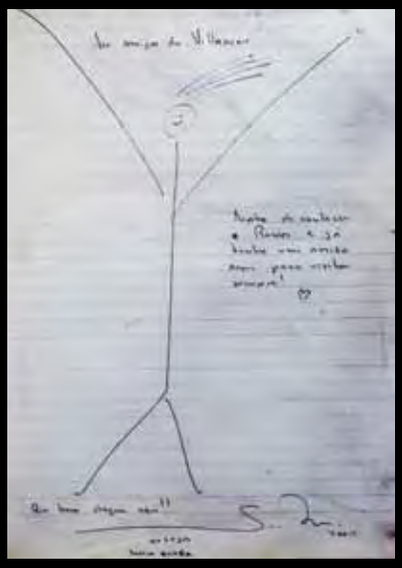
Linda e Dircinha Batista. O bigode de Ary Barroso, cultivado há tempos, foi raspado à força, com a faca da cozinha do Villarino.

Maristela Nava conta também que na década de 50 muitos clientes que frequentavam o bar deixaram nas paredes as marcas de seu talento e algumas de suas obras. Foi em uma delas que Ary Barroso escreveu os primeiros compassos de "Aquarela do Brasil", e onde os pintores Pancetti, Di Cavalcanti e Antonio Bandeira fizeram desenhos e Vinicius de Moraes e Pablo Neruda deixaram alguns poemas. Também lá ficaram as assinaturas de outros frequentadores. Entre eles, Paulo Mendes Campos, Antonio Maria, Dolores Duran, Aracy de Almeida, Mário Reis, Sérgio Porto, Paulo Soledade, Irineu Garcia e

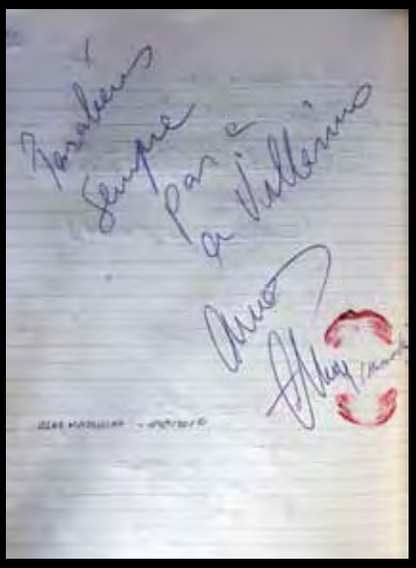
Livro dos clientes



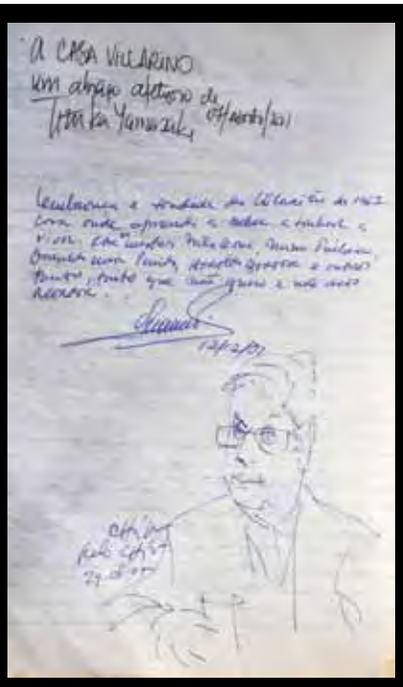
Jaguar



Sônia Braga



Elke Maravilha



Tizuka, Chico e outros

Elizeth Cardoso. Nos anos 60, o proprietário do Villarino, aborrecido com o que considerava sujeira nas paredes do estabelecimento, mandou pintar. Anos depois, Antonio Vazquez, antigo funcionário e novo proprietário da casa, tentou, em vão, recuperar as preciosidades sob a pintura. Diante da impossibilidade de recuperar o material, a solução foi ampliar uma das antigas fotos que mostravam o que havia sido pintado. Uma foto em tamanho ampliado mostra os amigos Vinicius, Lúcio Rangel, Paulo Mendes Campos e o radialista Fernando Lobo com a parede original ao fundo, como se por ali ainda estivessem os artistas.

A nova geração do Villarino

Em abril de 2007 o Centro do Rio ganhou a segunda casa Villarino. O Bistrô, de concepção moderna e proposta diferenciada da original, abriu as portas na esquina das avenidas Rio Branco e Almirante Barroso, próximo ao Theatro Municipal. À frente do imponente restaurante está uma das filhas do atual dono da Casa Villarino da Avenida Calógeras. Josie Macedo conta que, ao abrir o novo espaço, a ideia foi focar em um ambiente sofisticado, mantendo a tradição das casas Villarino. "A proposta é totalmente diferente da outra casa Villarino. Decidi manter o nome, já que é forte e tem muito significado e tradição na cidade", relata. Enquanto na Casa Villarino a bebida mais pedida é o uísque, no Bistrô o carro-chefe é o vinho. A carta é generosa: são aproximadamente 350 rótulos das mais tradicionais vinícolas do mundo, com vinhos para todos os paladares. A cozinha serve comida contemporânea, de influência francesa. Enquanto artistas frequentam o antigo Villarino, o novo é ponto de encontro de executivos e advogados que têm seus escritórios no Centro da cidade. O clima de Rio antigo é o que une o Bistrô Villarino à antiga casa na Avenida Calógeras.

a Leal ordem do mérito carioca

por Daniel Schenker

A história do clã dos Leal deveria ser contada sob a forma de um grande vaudeville. A atriz Ângela Leal, filha do produtor teatral Américo Leal, e sua filha, a também atriz Leandra Leal, são criaturas do palco, imortais, que vivem de sugar a alegria dos seus espectadores. Os Leal oferecem *habitat* aos seus congêneres. Há 76 anos cravados. São a alma e o tônus do Teatro Rival, um dos monumentos da Cinelândia. Graças a ele 80 mil pessoas se entregam, anualmente, ao orgiástico ato de aplaudir os semideuses da cena aberta. Bravíssimo!

Aos concorridos shows de música brasileira, dos mais variados gêneros, que ali são apresentados no horário nobre (19h30), somam-se, desde agosto, as atrações do "Rival mais tarde" (depois das onze da noite). Uma bela sacada de Leandra, que abriu espaço para a música contemporânea no Rio com esse projeto voltado ao público jovem e que vem bombando, por meio de shows e festas com DJs.

A iniciativa incrementa a noite no Centro do Rio, integrando o circuito Cinelândia/Lapa, e promete tornar ainda mais animadas as noites do Beco da Cirrose — como os frequentadores assíduos batizaram aquele trecho da Rua Álvaro Alvim — com a abertura, prevista para janeiro, do Bar Maria Louca (alusão à rainha portuguesa que foi enterrada naquela área, no Convento da Ajuda). Um lugar onde os moderninhos ouvirão o som que estiver rolando e dançarão na pista do Rival, na outra calçada. Ângela, por sua vez, luta para que a rua seja fechada ao trânsito e a iluminação da região, melhorada.

A tradição do teatro, que há mais de duas décadas reúne alguns dos maiores nomes do samba e da MPB, no entanto, vem de longa data. Foi inaugurado em 22 de março de1934, no governo de Getúlio Vargas, com uma peça de Oduvaldo Vianna, que convidou Dulcina de Moares para estrelar "Amor", montagem que ficou três meses em cartaz.

Com o êxito, a companhia de Dulcina e Odilon Azevedo — criadores da Fundação Brasileira de Teatro — ali abriu uma temporada de comédia. As companhias de Jayme Costa ("Carlota Joa-

Ângela Leal

quina"), Alda Garrido ("Dona Xepa") e Luis Iglesias ("Aonde vais, coração?") igualmente marcaram presença naquele teatro.

Oscarito, Grande Otelo, Eva Todor, Costinha e José de Vasconcelos foram alguns dos atores que lotavam a casa, entre outros nomes. Até que o Rival se consagrou como grande palco do teatro de revista, sob as mãos de Américo Leal. Vale destacar que foi ainda na administração dele e por sugestão de Ângela que, em 1980, ali se exibiram com absoluto sucesso os Dzi Croquets ("TV Croquets – Canal Dzi") –, mas essa é uma outra história...

O primeiro grande desafio

Durante muitos anos, o teatro, comprado por Américo Leal na década de 60, ficou sob os cuidados do extinto Instituto Brasileiro de Artes Cênicas (ligado à Funarte), que manteve o teatro rebolado em cena. Em 1989, Ângela – que fazia notável carreira na televisão – preparava-se para enfrentar o desafio de manter vivo, como prefere chamar, esse "espaço de resistência cultural". Sem qualquer experiência em administração, diga-se de passagem.

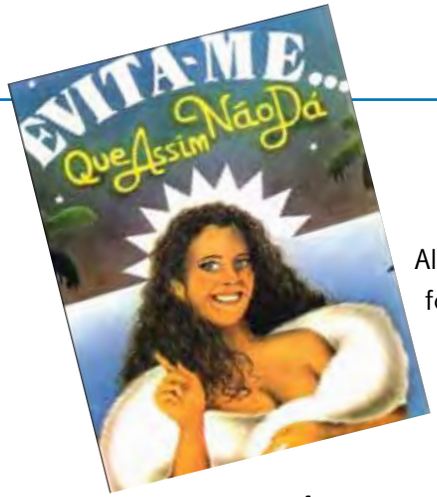
"Achei que, como a minha filha já estava maiorzinha (Leandra tinha oito anos), poderia encarar o fato de eu ter um teatro. Sempre tomei o Rival como uma responsabilidade com o Rio de Janeiro, com a cultura, não me pergunte o por quê", conta Ângela, que se diplomou em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi se tornar atriz pelas competentes mãos de Sergio Britto. Quem saiu perdendo foram os tribunais de júri. Quem lucrou foi a cidade.

Esse senso de responsabilidade a que ela se refere foi despertado com o fim do Teatro Recreio, na Rua Pedro I, na Praça Tiradentes, que o pai havia alugado, antes do Rival. "Onde era o teatro, agora é uma escada. O Recreio foi um teatro importante, tinha uma vila lá dentro, onde moraram as famílias Marzullo, Pêra... Quando derrubaram o Recreio, lembro que fiquei chocada, porque a história do teatro de revista, do Rio de Janeiro, sinalizava-me que havia sido frequentado por Getúlio Vargas e outros grandes personagens políticos. O teatro de revista brincava com o que estava acontecendo no momento, ele 'revisitava' os fatos atuais. Achei aquilo tudo muito estranho", conta ela, que fez, com o diretor Marcos Farias, "Bububu no bobobó".

"O filme contava a história do final do Teatro Recreio. Na época, não teve grande recepção, mas hoje é meio *cult*. Está aí na história e tem muito a ver com essa minha 'emoção cidadã', envolvendo os espaços culturais do Rio, que, você há de convir, poucos são os que têm mais de 20, 30 anos."

Empenho e adversidades

Ângela Leal conta que recebeu a casa das mãos da Funarte em 1990, com tudo documentado, tudo no lugar.



Além da belíssima galeria de fotos de grandes artistas no *foyer*, o espaço estava pintado, as instalações em perfeito estado, mas a atriz queria fazer uma reforma, modernizá-los as instalações. A questão é que não dispunha de verba para nada, destaca. E, muito menos, contava com o que viria pela frente, o Plano Collor.

Ela afirma também que pretendia adequar o Rival àquele momento: "Era muito difícil naquele tempo eu sobreviver com o teatro de revista, que estava em total decadência, desencontrado, sem atores específicos — que têm de interagir com a plateia. Não havia grandes musicais, mas atores que cantavam. Ficou muito difícil para mim continuar batendo nessa tecla. Seria um suicídio", comenta.

"A única coisa que podia fazer naquele momento era usar a minha visibilidade profissional", diz, referindo-se à Bruaca, da novela "Pantanal", do autor Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Jayme Monjardim, produção exibida pela TV Manchete com fantástica popularidade.

Associou-se a uma pessoa (de que hoje prefere omitir o nome) para cuidar da administração e ficou com a direção artística do Rival: "Eu traçava o perfil da casa, programava e ditava os caminhos que deveria tomar. Trabalhando sempre em cima da tradição e da renovação — é um pouco da historia dele hoje — com absoluta democracia de ritmos, gêneros, sem preconceito, mas sem abrir mão da qualidade."

'Estouro'

Ao lado de Jorge Coutinho e inspirada pelo bem-sucedido projeto "Seis e meia", do João Caetano, deu início às noitadas de samba. O primeiro nome escalado pelo companheiro de

"Eu traçava o perfil da casa, programava e ditava os caminhos que deveria tomar. Trabalhando sempre em cima da tradição e da renovação"

Tereza Aragão nas rodas de samba do Opinião foi o de um sambista ainda desconhecido do grande público, Zeca Pagodinho, a que sucederam Jorge Aragão e Luiz Carlos da Vila. Também mostraram a sua arte Leny Andrade, Marisa Gata Mansa, Elza Soares e as Cantoras do Rádio.

A programação noturna era dedicada ao teatro e foi aberta com "Lamartine para inglês ver", com Vera Holtz. Depois, veio Dercy Gonçalves, que enchia o teatro com seu público fiel. O grande estouro de público veio com Ângela Rô Rô no *happy hour*. Outro tipo de público começava a assistir aos espetáculos na Cinelândia. Edson Cordeiro foi outro ("um estouro enlouquecedor") que a estimulava a abrir as portas para novas plateias.

Mas aconteceu o que nenhum brasileiro esperava: o confisco do governo Collor. "Na época em que ele tomou o dinheiro de todo mundo, grande parte da bilheteria da Ângela Rô Rô estava em cheques. Telefonei para mais de duzentas pessoas pedindo, pelo amor de Deus, para que elas os trocassem. Esse foi um dos muitos desafios que tive e que me deixou pensando até hoje em como é que o Rival pôde dar certo", desabafa a atriz, que estreou na TV Globo em "Irmãos Coragem", por sugestão de Carvalhinho, para fazer uma ponta no papel da enfermeira Yolanda e que acabou ganhando destaque na novela de Janete Clair que parava o Brasil.

cansada de enxugar gelo

Logo que o teatro passou ao seu comando, Ângela Leal decidiu atuar também no entorno. Afinal, estava em plena Cinelândia, ponto nobre da cidade, referência na vida política do Rio. Entre os vizinhos, cartões-postais e centros de cultura da antiga capital da República: o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, o Palácio Pedro Ernesto (onde está instalada a Câmara dos Vereadores). Área em que funcionaram o Supremo Tribunal Federal e o Senado (Palácio Monroe, que foi demolido).

"Quando comecei a perceber a destruição dos espaços históricos do Rio, também comecei a ver o Rival de outra maneira, a entender por que, na época em que meu pai comprou o teatro (1966), a censura estava muito forte. Era terrível!

"Sempre tomei o Rival como uma responsabilidade com o Rio de Janeiro, com a cultura, não me pergunte o por quê"

E, ao mesmo tempo, estavam construindo o metrô. Começou uma loucura tal que a Cinelândia tem uma história antes e outra depois do metrô. Durante três anos, a Cinelândia ficou impossibilitada de funcionar, com seus cinemas, com seu glamour. Foi quase outro desmonte no Monte Castelo. Na mesma época da destruição do Palácio Monroe", lamenta a atriz premiada pela Associação Paulista de Críticos de Arte pelo trabalho como a Biga, de "Ana Raio e Zé Trovão", de 1990, que não abandonou as artes cênicas (ela atuou, entre outras produções, em "Escrava Isaura, "O astro", "Água viva", "Selva de pedra", "Gabriela", "Roque Santeiro", "Xica da Silva", "Páginas da vida", por exemplo, e recentemente apareceu na telinha em "Bela, a feia").

Os cinemas foram sumindo, um deles se transformou num templo religioso, o Vitória está abandonado, o majestoso Cine Teatro Rex (de quatro andares, que tinha capacidade para duas mil pessoas e abrigou a primeira série dos "Concertos para a juventude") hoje exibe filmes pornôs e as crianças de rua vieram se multiplicando desde então. "Acho também que, a partir daquele momento, aconteceu de os grandes equipamentos culturais se interiorizarem de tal maneira que, até hoje, isso não foi resgatado. Talvez, agora, com a reforma e a reabertura do Theatro Municipal, isso comece."

mãos à obra

Alagamentos e esgotos a céu aberto eram outros problemas recorrentes. Ângela resolveu reunir todos os interessados — incluídos aí os comerciantes e os síndicos dos prédios — para lutar por melhorias. Às autoridades, na qualidade de presidente da Sociedade dos Amigos da Cinelândia (Saci), exigia providências e, com o apoio de todos, conseguiu três reurbanizações

"Essas reuniões que tratam do Polo Novo Rio Antigo, acho tudo muito bonito, mas fico de saco cheio de ouvir as mesmas propostas feitas por políticos diferentes e nunca executadas"

da Cinelândia com três prefeitos: Marcelo Alencar, Cesar Maia e Luiz Paulo Conde.

Com o auxílio do quartel da Polícia Militar e dos associados da Saci, podiam dar atenção, lazer e alimentação aos menores de rua. "Era uma turma boa, deu para trabalhar legal. Sei que a minha condição de visibilidade naquele momento ajudou muito. É para isso que você tem de aproveitar a celebridade, não para ir a festas. Ser célebre é ser honroso, é ser digno. Consegui muitas coisas", orgulha-se, com razão, a ex-secretária estadual de Cultura do governo de Nilo Batista (1994).

compensação

Se, por um lado, sofreu sérios problemas financeiros como empresária em 1997 — quando dissolveu a sociedade, endividada até a alma e com uma séria questão com o BNDES, a respeito de um empréstimo contraído pelo teatro que foi inteiramente investido no Banco InterUnion (liquidado pelo Banco Central) no ano de 2002 —, por outro conquistou um grande patrocinador, a Petrobras, que promoveu uma baita de uma reforma no Rival, deixando-o um brinco, e lhe permitiu oferecer ingressos a preços mais acessíveis, em comparação aos praticados por algumas outras casas de espetáculo.

sonhos

Ela anda até mais confiante nos rumos que o Centro do Rio possa tomar nos próximos anos: "Essas reuniões que tratam do Polo Novo Rio Antigo, por exemplo. Acho tudo muito bonito, todo mundo demonstra muita vontade, mas fico de saco cheio de ouvir as mesmas propostas feitas por políticos diferentes e nunca executadas. Espero que este governo (Eduardo Paes) realize, né?"

Entre os novos planos, ela aplaude o projeto "Lapa Legal" — que fica fechada ao trânsito nas noites de sexta e sábado —, pretende revitalizar a Álvaro Alvim, estendendo o seu Café Rival a boa parte da rua, com mesinhas e iluminação.

Mais uma empreitada para que o público da casa possa também se divertir a céu aberto. Como nos bons tempos em que, naquele ponto, cariocas de diversas gerações e bairros se encontravam, entre o teatro e os bares Carlitos e Tangará.

nbs

A GENTE LEVA EDUCAÇÃO E CULTURA A LUGARES QUE FICAM BEM LONGE. AO FUTURO, POR EXEMPLO.

Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da Oi que trabalha para transformar a vida de milhões de brasileiros.

Em 10 anos, já beneficiamos mais de 4 milhões de pessoas, através de programas próprios nas áreas de educação, cultura, esportes e social, além do apoio a iniciativas de outras organizações via seleção por edital. É assim que estamos inserindo cada vez mais brasileiros no mapa da cidadania.

OIFUTURO.ORG.BR

OI FUTURO

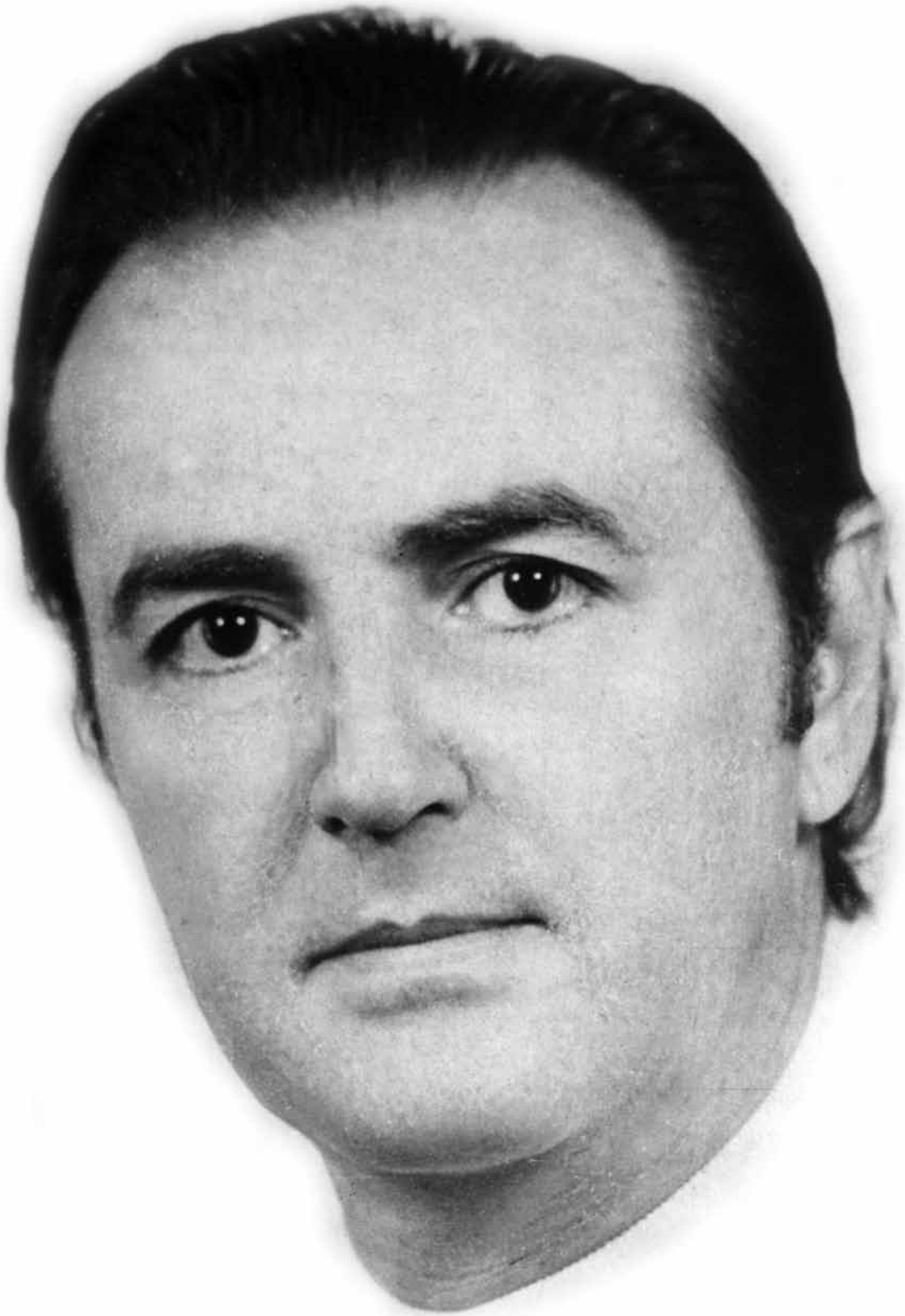
Retrato do adorável Lalau

por **Mônica Sinelli**

Sérgio Marcus Rangel Porto, Sérgio Porto, Stanislaw Ponte Preta ou, simplesmente, Lalau. Vários são os nomes para identificar esse escritor, cronista, radialista e compositor carioca, falecido no emblemático ano de 1968. Mas, único, o talento para retratar o espírito do Rio em seu lado mais sarcástico e perspicaz.

Para homenagear a figura intimamente associada à vida irreverente da cidade, o Instituto Cultural Cravo Albim (ICCA) abrigou, de 22 de outubro a 9 de dezembro, uma exposição a partir do precioso acervo doado ao Instituo por um de seus amigos mais chegados, o quase enteado, Arthur Rêgo Lins Neto. A mostra revelou um rico e diversificado material, a começar pelo manuscrito original do Samba do crioulo doido, lançado pelo Quarteto em Cy em 1968 e que ficou famoso por embolar, com fina ironia, personagens históricos em situações sem pé nem cabeça. Na letra, Sérgio Porto brincava com as confusas narrativas traduzidas pelos sambas-enredo da época e reconstituía a maluquice: "Foi em Diamantina / Onde nasceu JK / Que a princesa Leopoldina / Arresolveu se casá / Mas Chica da Silva / Tinha outros pretendentes / E obrigou a princesa / A se casar com Tiradentes".

Caixas de fitas de rolo com seleções de músicas gravadas pessoalmente pelo grande musicólogo, amante do jazz e integrante ativo do Conselho Superior de MPB do Museu da Imagem e do Som (MIS), com anotações de próprio punho, relacionando títulos, autores e cantores de cada faixa, também estiveram expostas. Entre as quais, O barquinho (Menescal e Bôscoli), na voz de Peri Ribeiro; Insensatez (Tom Jobom e Vinicius de Moraes), interpretada por João Gilberto; e "Diz que fui por aí" (Zé Kéti), com Nara Leão. "As músicas foram registradas num gravador semiprofissional



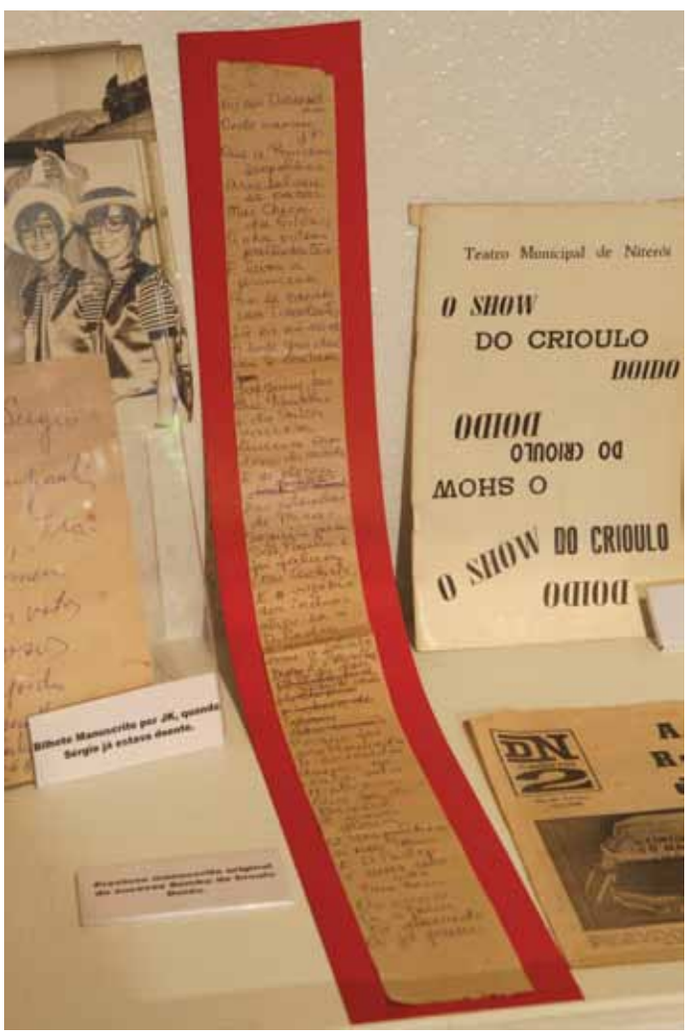
trazido do Japão por Rosinha de Valença, que havia sido lançada por ele, para presenteá-lo. Sérgio tinha a maior coleção de jazz do Brasil, com oito mil discos", reporta Arthur.

Caricaturas feitas pelo jornalista na casa do escritor Jorge Amado (Le serpent du genesis) — além de duas originais assinadas pelo cartunista Lan —, bilhete escrito pelo presidente JK quando Sérgio estava doente, manuscritos de livros e peças, reportagens, fotos ao lado de nomes como Monsueto, Silvio Caldas e Carlos Machado, cartas de amor para a namorada Elza e até uma insuspeita carteira da Associação Cristã de Moços compuseram outras peças preciosas da exposição.

Festival de besteiras

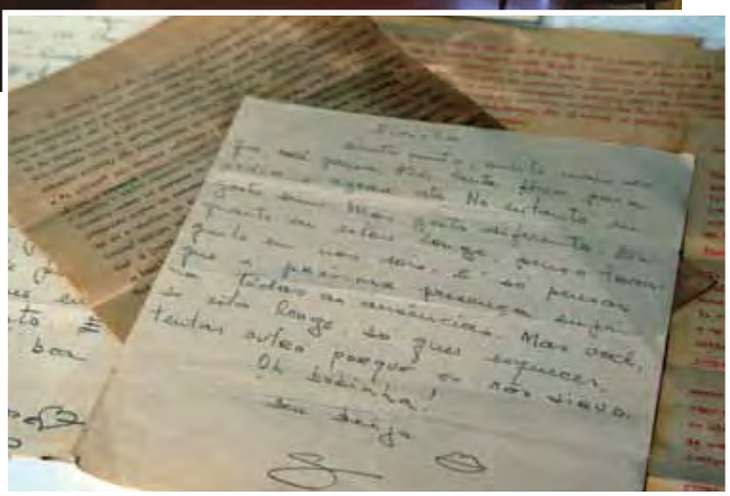
Nascido a 11 de janeiro de 1923, filho de Américo Pereira da Silva Porto e Dulce Julieta Rangel Porto, Sérgio teve três filhas — Ângela, Gisela e Solange — com Dirce. Ao lado de Elza, sua companheira até falecer, viu crescer os quase enteados Arthur e Augusto Cesar. Iniciou sua carreira no final dos anos 40, atuando em publicações como as revistas Sombra e Manchete e os jornais Última Hora, Tribuna da Imprensa e Diário Carioca. Mais tarde, ficaria conhecido sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, inspirado no herói Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade.

Em 1954, quando o jornalista Maneco Müller, o Jacinto de Thormes, publicou na Manchete a lista



A mostra, organizada pelo Instituto Cultural Cravo Albin, revelou um rico e diversificado material, a começar pelo manuscrito original do Samba do crioulo doido, lançado pelo Quarteto em Cy em 1968

Ricardo Cravo Albin manuseando um dos cachimbos ingleses na exposição, doados pelos irmãos Arthur e Augusto César, filhos de Elza



Caricaturas, bilhete escrito pelo presidente JK quando Sérgio estava doente, manuscritos de livros e peças, reportagens, fotos ao lado de nomes como Monsueto, Silvio Caldas e Carlos Machado, cartas de amor para a namorada Elza, entre várias preciosidades compuseram outras peças magníficas da exposição

das "Mulheres Mais Bem Vestidas do Ano", o gaiato Stanislaw replicou com a invenção das "Mulheres Mais Bem Despidas do Ano", título logo substituído pelo politicamente menos problemático "As Certinhas do Lalau", para eleger a musa da temporada. Até 1962, contabilizaram-se 142 selecionadas, do quilate de Aizita Nascimento, Betty Faria, Carmen Verônica, Íris Bruzzi, Miriam Pérsia, Norma Bengell, Rose Rondelli, Sônia Mamede e Virgínia Lane.

Além de escrever para imprensa, rádio, televisão (a qual chamava de "máquina de fazer doido") e teatro, celebrizou em seus livros personagens como Tia Zulmira e Primo Altamirando. E inscreveu de vez seu nome no panteão dos grandes observadores da vida nacional com o Festival de Besteiras que Assola o País. O antológico Febeapá, série publicada entre 1966 e 1968, configurava uma sátira implacável ao regime militar, a partir de casos absurdos envolvendo mandos e desmandos das autoridades de então.

Sob a forma de diligentes notas jornalísticas, ele noticiava, por exemplo, a decisão do governo de prender o autor grego Sófocles, morto há séculos, devido ao conteúdo considerado subversivo de um espetáculo encenado à época. Outras pérolas: "No mesmo dia em que o governo resolvia intervir em todos os sindicatos, mandava uma delegação à 16ª Sessão do Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra. Ao Brasil caberia exatamente fazer parte da Comissão de Liberdade Sindical. Na mesma ocasião, um time da Alemanha Oriental vinha disputar alguns jogos aqui e, então, o Itamaraty distribuiu uma nota avisando que eles só jogariam se a partida não tivesse cunho político. Em Mariana (MG), um delegado de polícia proibia casais de se sentarem juntos na única praça namorável da cidade, baixando portaria, dizendo que moça só podia ir ao cinema com atestado dos pais. Em Belo Horizonte, um outro delegado distribuía espiões pelas arquibancadas dos estádios. Dali em diante, quem dissesse mais de três palavrões ia preso."

Sérgio Porto foi, ainda, um craque das comparações hilariantes, como "mais feia do que mudança de pobre, mais murcho do que boca de velha e mais inchada do que cabeça de botafoguense". Tricolor, morreu de infarto, aos 45 anos, no dia 30 de setembro de 1968, e assim traçou seu próprio perfil:

Autorretrato do artista quando não tão jovem

Sérgio Porto, por Sérgio Porto

"ATIVIDADE PROFISSIONAL: Jornalista, radialista, televisista (o termo ainda não existe, mas, a atividade, dizem que sim), teatrólogo ora em recesso, humorista, publicista e bancário.

OUTRAS ATIVIDADES: Marido, pescador, colecionador de discos (só samba do bom e jazz tocado por negro, além de clássicos), ex-atleta, hoje cardíaco. Mania de limpar coisas tais como livros, discos, objetos de metal e cachimbos.

PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES: Mulher.

QUALIDADES PARADOXAIS: Boêmio que adora ficar em casa, irreverente que revê o que escreve, humorista a sério.

PONTOS VULNERÁVEIS: Completa incapacidade para se deixar arrebatar por política. Jamais teve opinião formada sobre qualquer figurão da vida pública, quer nacional, quer estrangeira.

ÓDIOS INCONFESSOS: Puxa-saco, militar metido a machão, burro metido a sabido e, principalmente, racista.

PANACEIAS CASEIRAS: Quando dói do umbigo para baixo: Elixir Paregórico. Do umbigo para cima: aspirina.

SUPERSTIÇÕES INVENCÍVEIS: Nenhuma, a não ser em véspera de decisão de Copa do Mundo. Nessas ocasiões comparativamente qualquer pai de santo é um simples cético.

TENTAÇÕES IRRESISTÍVEIS: Passear na chuva, rir em horas impróprias, dizer ao ouvido de mulher besta que ela não é tão boa quanto pensa.

MEDOS ABSURDOS: Qualquer inseto taludinho (de barata para cima).

ORGULHO SECRETO: Faz ovo estrelado como Pelé faz gol. Aliás, é um bom cozinheiro no setor mais difícil da culinária: o trivial. Assinado: Sérgio Porto, agosto de 1963."

Conquistamos muito e ainda temos mais a conquistar!

O Banco BVA registrou crescimento sustentável expressivo nos últimos anos.

Este crescimento é resultado da confiança do mercado e de nossos clientes em nós.

Conservador na política de concessão de crédito e transparente na comunicação com os clientes, busca, sempre, ser um banco sólido e preparado para crescer ainda mais e enfrentar a competitividade do setor financeiro.

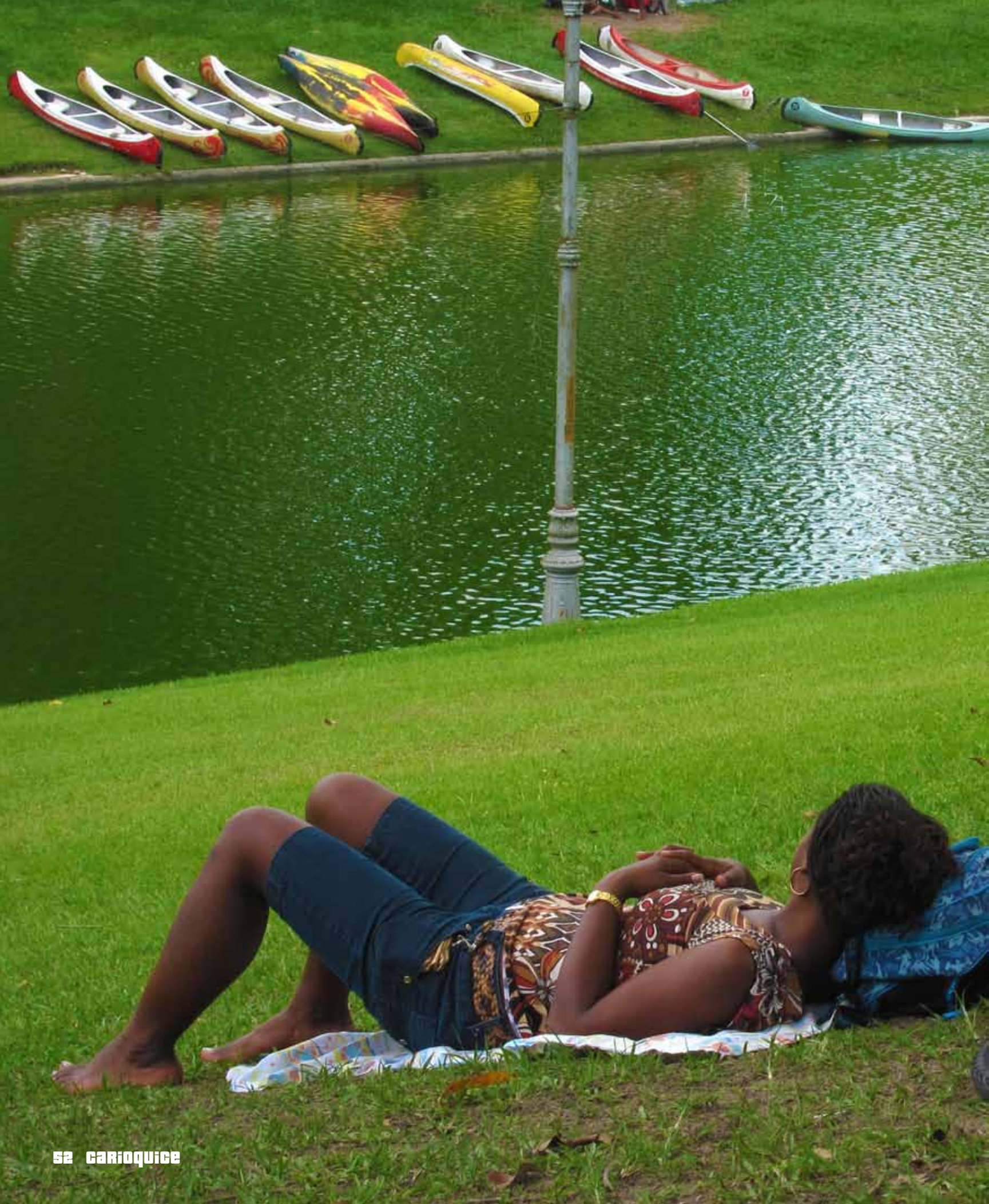
Entre em contato e venha crescer com a gente.

www.bancobva.com.br

BVA
Banco BVA S.A.

a quinta onde sois rei

ensaio fotográfico de **marcelo carnaval**



Conquistando a
Gloria para Cristo

Quando a noite era uma criança

por Kelly Nascimento

Zum-Zum, Le Bateau, Sacha's, Vogue, Bottle's. Só quem viveu o Rio dos anos dourados sabe o que é. Para os não iniciados, essas palavras não passam de estrangeirismos e de uma onomatopeia. Carioquice abre o baú desse Rio mítico e resgata algumas de suas histórias. Um verdadeiro deleite que, segundo Luiz Carlos Miéle, "renderia um belo espetáculo, um registro bem-humorado dessa época de ouro".

A partir da metade dos anos 40, Copacabana definitivamente se tornou o coração noturno do Rio, consequência da repressão que afastou os boêmios da Lapa somada a decisão do presidente Dutra de fechar os cassinos, seguindo os conselhos da primeira-dama, D. Santinha, de acabar com aqueles "antros de pouca-vergonha", o que atingiu diretamente o meio artístico. A recuperação viria com a transferência da boemia para as boates de Copacabana.

Enquanto muitos habitantes dormiam depois de um dia de trabalho, uma outra vida se descortinava em Copacabana, a dos bares, restaurantes e boates com sua pouca iluminação que ferviam até de madrugada. Um dos grandes templos dessa época, o Vogue, foi até o seu final o mais importante e refinado *nightclub* da cidade. Todas as grandes estrelas dos anos 1940 e 1950 se apresentaram por lá como contratadas: Dolores Duran, que ali se iniciou em 1946, Aracy de Almeida, Linda Batista, Ângela Maria, Sílvio Caldas, Jorge Goulart, Inesita Barroso.

Apesar de pequena, a casa do austríaco Barão Von Stuckart, na Avenida Pincesa Isabel, era conhecida por sua excelente orquestra formada por músicos negros importados dos EUA e pelo piano suave de Sacha Rubin que sempre saudava os *habitués* com as canções preferidas de cada um deles: "Solitude" para Jacinto de Thormes, "Invitation" para Lourdes Catão, "Never let me go" para Beki Klabin. A casa, inaugurada em 1946, era frequentada por personalidades da época como Benjamin Vargas, irmão do presidente Getulio Vargas, Teresa e Didu de Sousa Campos, Lily e Horácio de Carvalho, os Mayrink Veiga, Ibrahim Sued, Fernando Lobo, que lá se encontravam religiosamente. Se até então a alta sociedade preferia lugares exclusivos, naqueles

O pianista Sacha Rubin

O Sacha's reunia um público bem eclético: diplomatas, ministros de Estado, grã-finos intelectuais e artistas. A noite na casa do Leme sempre começava com a indefectível "Manhattan"

espaços se misturava aos simples mortais numa boa. Ronaldo Bôscoli conta em seu livro de memórias que aquelas boates estavam tão à margem do sistema que pessoas como o editor Samuel Wainer ou o playboy Jorginho Guinle não ligavam de sentar-se no chão.

Reza a lenda que na década de 1950, o Vogue contratou uma cantora francesa, Patachou, de hábitos um tanto o quanto inusitados. Gostava de sentar no colo de senhores da plateia, enquanto cortava-lhes a gravata com uma tesoura.

O território boêmio tinha o seu cronista, Antônio Maria, que se movia com destreza nesse espaço que conhecia com ninguém. Em 14 de agosto de 1955 o Vogue pegou fogo e Antônio Maria escreveria "queimou-se o piano que fora de Sacha, mas ficarão as canções das noites do Vogue. 'C'est magnifique', 'Unforgettable' I've got under my skin'...".

Pouco depois o pianista Sacha Rubin criaria um novo *point* da época, o Sacha´s, um misto de bar, restaurante e *night club* que virou referência. A casa reunia um público bem eclético: diplomatas, ministros de Estado, grã-finos intelectuais e artistas. A noite na casa do Leme sempre começava com a indefectível "Manhattan", no piano dolente de Sacha.

Enquanto isso, na Rua Belfort Roxo, as *jam sessions* do Chez Penny eram tradição. Reuniam músicos como o pianista Jacques Klein, o saxofonista Cipó e o sax do americano Booker Pitman. Na Avenida Princesa Isabel, a boate do Hotel Plaza era outra parada obrigatória. "A boate Plaza foi onde um pianista e cantor antecipava a chegada de um movimento moderno na música brasileira", pontua Miéle. Tratava-se de Johnny Alf, astro do local. O Plaza ainda reservaria outras novidades para o Rio. Lá foi inaugurado o primeiro "hi-fi" da cidade. E foi também onde estreou um jovem cantor promissor, Roberto Carlos. Também na Princesa Isabel, a boate Drink entusiasmava com o piano de Djalma Ferreira, músico e líder de conjunto que teve "crooners" famosos, como Miltinho, Helena de Lima, Silvio Cesar.

Numa rua próxima, na boate Arpège brilhava o teclado de Waldir Calmon. A casa tem o mérito de ter sido o local onde se apresentou pela primeira vez um rapaz tímido de marcantes olhos

azuis, chamado Chico Buarque de Holanda, num show produzido por Hugo Carvana.

Outra casa que marcaria época foi a Black Horse, com sua famosa "Noite do mau gosto", no início dos anos 60. No Black se dançava até valsa. E por seus salões se esbaldaram nomes como Zózimo Barrozo do Amaral, Danuza Leão, Cacá Diegues, Glauber Rocha, Catherine Deneuve e Brigitte Bardot.

Uma blitz da polícia terminaria de vez com a festa, que durou de 1959 a 1964. Um ano após o fechamento do Black, a mente por trás da Black Horse — Hubert de Castejá — surgia com mova empreitada. O novo eldorado da juventude carioca era o Le Bateau, que funcionava na Rua Serzedelo Corrêa e tinha como seu maior concorrente o Sucata, do ainda iniciante Ricardo Amaral.

A Fred´s, localizada onde funcionava o hotel Le Méridien, era outra que marcou época. Reuniu atrações tão variadas como Sarah Vaughan, Trio Los Panchos, Bill Halley and his Comets, Billy Eckstine, Ary Barroso, Juca Chaves, Ilka Soares. A partir de 1961, ficou sob a batuta de Carlos Machado, o rei da noite carioca, cujas apresentações eram sucesso garantido.

E como não falar do Beco das Garrafas? Naquela pequena travessa sem saída da Rua Duvivier ficavam palcos privilegiados como o Bottle´s, o Bacarat e Little Club. Lá, intérpretes como Leny Andrade, Luiz Eça e o Tamba Trio, Elis Regina, Luiz Carlos Vinhas participaram da transformação do som brasileiro. O Beco foi o berço instrumental da Bossa Nova e teve entre seus primeiros shows apresentações de Sergio Mendes, Nara Leão, Bossa 3, Jorge Ben e Wilson Simonal.

Alberico Campana, que até bem pouco tempo

Incêndio da boate Vogue

"Queimou-se o piano que fora de Sacha, mas ficarão as canções das noites do Vogue. 'C'est magnifique', 'Unforgettable' I've got under my skin'..."

Antonio Maria

Antonio Maria-

Os nomes dos drinks era um caso à parte: Pernas de Danuza, Bofetada, Mau Cheiro e outros mais que a criatividade da boemia permitia

Danuza Leão

comandava a Churrascaria Plataforma, foi o dono da lendária Bottle's. O nome, num inglês debochado, deve sua origem ao Beco das Garrafas, apelido que Stanislaw Ponte Preta deu a travessa da Rua Duvivier, porque os moradores atiravam garrafas nos frequentadores que iam ouvir aquela música produzida pelos jovens artistas e que ainda não era entendida. Havia outros contemporâneos da Bottle's, também com nomes irreverentes, como Monsieur Pujol (homenagem ao músico francês que tocava música com peidos). Os nomes dos drinks era um caso à parte: Pernas de Danuza, Bofetada, Mau Cheiro e outros mais que a criatividade da boemia permitia.

Mas não pára por aí, na Rua Barata Ribeiro, a boate Zum-ZUm entrou para a história ao reunir, pela primeira vez, Dorival Caymmi e Vinicius de Moraes num palco. O show, realizado em junho de 1964, foi produzido por Aloysio de Oliveira. A ocasião também marcou a estreia definitiva de quatro meninas recém-chegadas da Bahia: o Quarteto em Cy. Tamanho sucesso, o show teve duas temporadas e virou um LP, não menos bem-sucedido.

E se a vida noturna do Rio fosse um livro, o nome Ricardo Amaral certamente seria um capítulo. O empresário, nascido em São Paulo, foi o mentor de grande parte das mais memoráveis casas noturnas que o Rio abrigou. Hippopotamus, Gattopardo, Sal & Pimenta... todas têm o dedo dele. Mas isso já é outra história...

"A boate Plaza foi onde um pianista e cantor antecipava a chegada de um movimento moderno na música brasileira. Tratava-se de Johnny Alf"

Miéle

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BEBA COM MODERAÇÃO
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em
Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
www.reserva51.com.br

Atrás do Rio elétrico

José Antônio Muniz Lopes
Presidente da Eletrobras

Sou flamenguista de coração e vascaíno institucionalmente. Explico, torço para o Flamengo desde menino, quando ainda vivia no interior do Maranhão, onde nasci. Todas as pessoas de lá torciam por times cariocas, e meu pai não era diferente. Acompanhava todos os jogos do Flamengo pelo rádio junto comigo. Lembro-me até da escalação do time de 1950: Garcia, Tomires e Pavão. Na linha intermediária, Jadir, Dequinha e Jordan e, no ataque, Joel, Rubens, Índio, Benitez e Esquerdinha. Já fui muito ao estádio, mas hoje prefiro assistir em casa pela televisão. O Wagner Victer, que é tricolor doente, já me levou algumas vezes para ver os jogos no camarote. A questão é que lá tem televisão, mas a transmissão chega com *delay*. E a gente ouve todo mundo gritando gol, quando na televisão a imagem só aparece tempos depois.

Sou vascaíno institucionalmente porque há quase dois anos a Eletrobras passou a patrocinar o clube. Orgulho-me de que esse projeto tenha sido realizado durante a minha gestão. Outra realização que me trouxe imensa felicidade foi a da restauração do Theatro Municipal. A Eletrobras juntamente com a Petrobras, o BNDES e a Globo foram os patrocinadores ouro da recuperação do teatro. Meu sonho, hoje, é dar início à construção da sede da empresa na Rua dos Arcos, esquina com a Rua do Lavradio. Já temos uma solução arquitetônica, dada pelo IPHAN, que acompanha a dos Arcos da Lapa. Ela já foi aprovada pela Câmara, vai ficar muito bonita e valorizará mais a cidade. Com essa construção, o ordenamento das edificações será o seguinte: Petrobras, Eletrobras, BNDES e, no meio, a Catedral. Ainda vamos ser vizinhos da Fundição Progresso. Torço para que esse meu desejo se realize na minha gestão. Presidente da Eletrobras não é eleito, mas um cargo de governo.

Enquanto vivo no Rio, aproveito o melhor da cidade, especialmente nos fins de semana, quando vou para Barra de Guaratiba comer no restaurante da Tia Penha. Gosto muito da orla carioca, mas costumo dizer que vou mais a Brasília do que à praia, apesar de hoje morar em Ipanema. Aliás, se não fosse o trânsito ruim, iria morar na Barra da Tijuca.

Depois de já ter vivido, por motivos profissionais, em muitas cidades brasileiras, quando cheguei ao Rio fui morar na Lagoa e uma conversa minha com a Fernanda Torres acabou servindo de tema para uma coluna na Veja Rio. Contei a ela que um amigo lá de Pernambuco, onde fui estudar, vivia me dizendo que não havia cidade mais linda do que Paris. Achava que era conversa fiada, até que um dia conheci a capital francesa e concordei com ele. Anos mais tarde, já vivendo em São Paulo, fui transferido para o Rio e vim morar na Avenida Epitácio Pessoa, esquina com a Rua Aníbal de Mendonça. Um dia, passeando com minha mulher pela ciclovia, ela me disse que reconhecia os encantos de Paris, mas lá não tinha as nossas montanhas, nem o nosso céu e o pôr do sol. Concordei inteiramente com ela. Paris não tem essa vista, não.

A TAM é parte da Star Alliance.

E o melhor é que as vantagens vão além de todos esses destinos.

Agora você está conectado com mais de 1.000 destinos em 181 países pela maior aliança de companhias aéreas do mundo. Tudo com a comodidade de retirar a bagagem só no destino final, de pontuar no TAM Fidelidade voando por qualquer companhia aérea parceira e de ter Salas VIP à disposição nos principais aeroportos.

Acesse www.tam.com.br/staralliance
Ligue 4002-5700, outras regiões 0800 570 5700
ou consulte seu agente de viagens e-TAM.

TAM
Paixão por voar e servir
A STAR ALLIANCE MEMBER

www.ambev.com.br

"Nunca pensei que o meu futuro estaria em 1853."

Pedro Sá Earp
Diretor de Marketing de Skol
e Cervejas Premium

LODUCCA

Depois de sair de Petrópolis para conhecer o mundo, eu volto para Petrópolis com um sonho: reabrir a primeira cervejaria do Brasil, a Bohemia, que por anos foi dirigida pelo meu bisavô. Nunca pensei que o meu futuro estaria em algo tão antigo como uma cervejaria de 1853. Sim, além de um desafio, é um sonho. E eu sei que vou conseguir realizá-lo porque eu trabalho em um lugar que valoriza e investe nos sonhos e nas ideias de cada um. Investe mesmo. Foi graças à Ambev que trabalhei em 3 continentes e conheci mais de 30 países em menos de 10 anos. E depois de dar a volta ao mundo, percebi que o meu maior sonho estava mais perto do que imaginava, em Petrópolis. Meu bisavô ficaria orgulhoso.

Ambev. Feita por gente e sonhos.

ambev